

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC

MOISÉS HENRIQUE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

**UM FIO NO TEAR DO CONHECIMENTO: O JORNAL IMPRESSO EM SALA DE
AULA.**

MOSSORÓ/RN
2013

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

Albuquerque, Moisés Henrique Cavalcanti de
Um fio no tear do conhecimento: o jornal impresso em sala de aula. /
Moisés Henrique Cavalcanti de Albuquerque. – Mossoró, RN, 2013.

91 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Ailton Siqueira de Sousa Fonseca.

Monografia (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação.

1. Educação - Jornal. 2. Jornal impresso- Sala de aula. 3. Conhecimento - Aprendizagem. I. Fonseca, Ailton Siqueira de Sousa. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/BC

CDD 371.33

MOISÉS HENRIQUE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

**UM FIO NO TEAR DO CONHECIMENTO: O JORNAL IMPRESSO EM SALA DE
AULA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, com área de concentração em Processos Formativos em Contextos Locais.

Orientador: Dr. Ailton Siqueira de Sousa Fonseca.

**MOSSORÓ/RN
2013**

MOISÉS HENRIQUE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

UM FIO NO TEAR DO CONHECIMENTO: O JORNAL IMPRESSO EM SALA DE AULA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, com área de concentração em Processos Formativos em Contextos Locais.

Aprovado em ____/____/____.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ailton Siqueira de Sousa Fonseca - Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa - Titular
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dr^a. Maria da Conceição Lima de Andrade - Titular
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof.^a Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas – Suplente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof.^a Dr^a. Karlla Christine Araújo Souza. - Suplente
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

À **Eva**, minha filha mais velha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** pela luz que me conduziu até aqui. Pela inspiração quando achei que não conseguiria.

À minha esposa **Mirella**, meus filhos **Eva, Arthur e Théo**, pelo amor, carinho, paciência e compreensão devotados nesses últimos anos em que estive mais ausente.

À minha mãe **Francy** que, com seu exemplo, me fez crer ser possível conciliar tantas atividades e ainda assim dedicar-me aos estudos.

Ao meu pai **Cláudio** que, sempre que nos encontramos, fez os dias mais divertidos e leves. Aliviando a mente e abrindo espaço para novos parágrafos.

Ao meu irmão **João** que, nos dias em que estivemos juntos, me proporcionou momentos importantes de reflexão e ressignificação de tantas coisas.

À minha irmã **Cláudia** que, de longe, sei de sua torcida.

À minha ‘vó’ **Neném** que representa todos os familiares que torcem e vibram com cada nova conquista.

A **Clarissa**, responsável primeira pela minha aventura acadêmica. Por tantos dias ter feito o meu trabalho sem nunca se queixar por isso, e por todo carinho a esse projeto. Quando for você, vou retribuir, viu. Pode anotar.

Ao meu amigo e orientador, **professor Dr. Ailton Siqueira**, que acreditou em mim e abraçou minhas ideias trazendo sempre a palavra que faltava e apontando os caminhos a seguir. Pelos lampejos de criatividade catalisados pelas cervejas tipo exportação. Pelo aprendizado durante esses dois anos de convivência pautados pela simplicidade e generosidade intelectual.

À **dona Zilene** que permitiu que em tantos momentos eu estivesse ausente da TV para dedicar-me às aulas e estudos.

Aos amigos do mestrado que dividiram momentos divertidos e tensos. **Elane**, minha amiga brilhante, organizada, disciplinada, prestativa e gentil. **Suênia**, amiga divertida, sempre com um sorriso no rosto e uma palavra de otimismo. **Gilneide**, uma amiga-irmã mais velha cheia de carinho e cuidado com todos. **Alana, Alan, Aurélia** e todos os colegas, professores e servidores do **Poseduc** que acolheram este jornalista forasteiro no universo da Pedagogia.

Aos companheiros do **Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM)** pelos momentos de construção de conhecimento, determinantes para os caminhos desta

dissertação.

Aos professores e alunos das **escolas Antonio da Graça Machado e Paulo Cavalcanti** pelo carinho, atenção e receptividade a esta pesquisa. Ao professor **Marcos Antonio**, coordenador do Ler para saber mais, pela disponibilidade de sempre e importante contribuição.

Aos companheiros de trabalho da **TCM e 95 FM** pela compreensão e colaboração quando muitas vezes estive ausente. Valeu rapaziada!

Aos colegas professores do **Departamento de Comunicação da UERN (Decom)** pelo incentivo nessa caminhada.

À minha querida amiga **Virgínia** pela atenção e carinho na criteriosa revisão deste trabalho.

E, por fim, aos **meus alunos** que sempre estiveram na torcida e são as razões da minha busca particular pelo conhecimento.

A todos, o meu sincero e carinhoso agradecimento.

É impressionante que a educação que visa transmitir conhecimentos seja cega quanto ao que é conhecimento humano, seus dispositivos, suas enfermidades, suas tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer.

Edgar Morin

RESUMO

A partir da experiência profissional na área da comunicação e do trabalho com crianças e adolescentes do ensino fundamental, identificamos que a atuação em sala de aula com a utilização do jornal impresso como recurso pedagógico apresentou resultados positivos e reveladores no tocante à produção de conhecimento. Esta pesquisa aborda a leitura do jornal impresso em sala de aula a partir do Projeto *Ler para saber mais*, braço municipal de um programa que acontece em nível nacional, coordenado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ). Nosso objetivo é identificar como a leitura a partir do Projeto *Ler Para Saber Mais* pode gerar reflexão de maneira a contribuir com a formação humana do aluno. Perceber as transformações sociais, intelectuais e morais nos alunos que são apresentados às discussões em sala de aula trazidas pelas notícias publicadas nos jornais. Nossa metodologia é centrada em uma pesquisa qualitativa descritiva, com abordagem no campo da complexidade. Utilizamos como recursos entrevistas semi-estruturadas, questionários e a observação participante. Nossa população amostral é formada por alunos da Escola Municipal Antonio da Graça Machado, que participam do programa em Mossoró. A pesquisa encontra fundamentação teórica na obra de autores como Edgar Morin, Jiddu Krishnamurti, Ítalo Calvino, Antônio Nóvoa, Maria da Graça Setton, entre outros que trazem discussões acerca de uma educação complexa, humanista e interdisciplinar. Constatamos que o jornal impresso pode ser utilizado não apenas como um recurso didático para aprimoramento do vocabulário ou da gramática, mas como um meio para se chegar ao conhecimento, este na compreensão apresentada por Morin (2011). A informação associada ao hábito de ler gerou nesses estudantes o desejo de desbravar um universo que outrora não era explorado em sala de aula, simplesmente por falta de oportunidade. A leitura do jornal funcionou como um instrumento estimulador do pensamento. Da reflexão. Com essa perspectiva, acreditamos que a leitura do jornal impresso em sala de aula pode ser utilizada como um importante aliado na construção, mesmo que em pequena escala, de uma educação mais humanista e voltada para o respeito às diferenças e formação de valores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Jornal. Conhecimento. Aprendizagem.

ABSTRACT

From the experience in the field of communication and working with children and adolescents from secondary schools identified that performance in the classroom with the use of the printed newspaper as a teaching resource showed positive results and revealing with regard to the production of knowledge. This research addresses the reading of the printed newspaper in the classroom from Project Read to know more, municipal arm of a program that happens nationally coordinated by the National Newspaper Association (ANJ). Our goal is to identify how to read from the project 'Read To Know More' can generate reflection in order to contribute to the human development of the student. Understand the social, intellectual and moral in students who are presented with the discussions in the classroom brought the news published in the newspapers. Our methodology is focused on a qualitative descriptive study, in the field of complexity. We use resources as semi-structured interviews, questionnaires and participant observation. Our sample population is comprised of students from the School of Grace Hall Antonio Machado, who participate in the program in Mossley. The research is theoretical in the work of authors such as Edgar Morin, Jiddu Krishnamurti, Italo Calvino, Antonio Nóvoa, Maria da Graça Setton and others who bring discussions about a complex education, humanistic and interdisciplinary. We note that the printed newspaper can be used not only as a teaching tool to improve vocabulary or grammar, but as a means to get to know this in understanding made by Morin (2011). The information associated with the habit of reading these students generated the desire of exploring a universe that was not previously explored in the classroom, simply for lack of opportunity. Reading the newspaper functioned as an instrument of thought stimulator. Reflection. With this perspective, we believe that reading the printed newspaper in the classroom can be used as an important ally in the construction, even on a small scale, a more humanistic and education focused on respect for differences and values formation.

KEYWORDS: Education. Journal. Knowledge. Learning.

LISTAS DE IMAGENS

IMAGEM 1 -	Atividade do projeto Ler para saber mais, no 5º ano da Escola Municipal Antonio da Graça Machado.....	55
IMAGEM 2 -	Atividade do projeto Ler para saber mais, no 5º ano da Escola Municipal Antonio da Graça Machado.....	56
IMAGEM 3 -	Registro de observação realizado na Escola Municipal Antonio da Graça Machado. Alunos do 5º ano em atividade que tinha como foco o caderno de classificados.....	56
IMAGEM 4 -	Registro de observação realizado na Escola Municipal Antonio da Graça Machado. Alunos do 5º ano em atividade de perguntas e respostas sobre a discussão acerca da edição do dia.....	57
IMAGEM 5 -	Estudante faz a leitura em sala de aula da edição do dia do Jornal Gazeta do Oeste.....	57
IMAGEM 6 -	Oficina ministrada aos professores que atuam com o jornal impresso em sala de aula.....	58
IMAGEM 7 -	Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 29 de agosto de 2013.....	63
IMAGEM 8 -	Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 25 de agosto de 2013.....	63
IMAGEM 9 -	Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 8 de agosto de 2013.....	63
IMAGEM 10 -	Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 13 de agosto de 2013.....	63
IMAGEM 11 -	Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 11 de agosto de 2013.....	64
IMAGEM 12 -	Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 10 de agosto de 2013.....	64
IMAGEM 13 -	Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 14 de agosto de 2013.....	64
IMAGEM 14 -	Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 14 de agosto de 2013.....	64

SUMÁRIO

1	DESCOBRINDO CAMINHOS.....	12
1.1	Retalhos da pesquisa.....	15
2	JORNAL E EDUCAÇÃO.....	24
2.1	O programa Ler para saber mais.....	26
2.2	Metodologias em sala de aula.....	28
2.3	A escola e os meios de comunicação.....	31
2.4	O jornal impresso como estimulador do pensamento.....	34
3	EDUCAÇÃO, CIDADANIA E CONDIÇÃO HUMANA.....	43
3.1	Compreendendo a condição humana.....	48
4	O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO.....	54
4.1	A formação de leitores críticos.....	73
5	CONSIDERAÇÕES E PROPOSIÇÕES.....	78
5.1	Um breve relato sobre a transdisciplinaridade.....	80
5.2	Possibilidades para o novo milênio.....	82
5.3	Diálogo entre os saberes: jornal impresso e transdisciplinaridade.....	84
	REFERÊNCIAS.....	87
	APÊNDICE.....	91

CAPÍTULO 1

Cantares

*Tudo passa e tudo fica
porém o nosso é passar,
passar fazendo caminhos
caminhos sobre o mar*

*Nunca persegui a glória
nem deixar na memória
dos homens minha canção
eu amo os mundos sutis
leves e gentis,
como bolhas de sabão*

*Gosto de ver-los pintar-se
de sol e graná voar
abaixo o céu azul, tremer
subitamente e quebrar-se...*

*Nunca persegui a glória
Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar*

*Ao andar se faz caminho
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar*

*Caminhante não há caminho
senão há marcas no mar...*

*Faz algum tempo neste lugar
onde hoje os bosques
se vestem de espinhos
se ouviu a voz de um poeta gritar
"Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar"...*

Golpe a golpe, verso a verso...

*Morreu o poeta longe do lar
cobre-lhe o pó de um país vizinho.
Ao afastar-se lhe vieram chorar
"Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar..."*

Golpe a golpe, verso a verso...

Antonio Machado.

1. DESCOBRINDO CAMINHOS

O poeta espanhol Antonio Machado apresentou-se a mim como um alento para tantas inquietações, nas aulas de Educação e Literatura, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Estava em um momento de descobertas e dúvidas acerca de muitas questões acadêmicas e particulares. Perguntas que não tinham respostas porque o caminho ainda estava em construção. E assim continua. Nessa construção diária, não é fácil encontrar a simplicidade no caminhar. Isso porque o simples não aceita enfeites. A simplicidade não está nas vitrines das lojas ou nas bancas de jornal. A simplicidade mora em nós, mas está em um lugar que é invisível aos olhos. Muitas vezes não sabemos onde procurar. Ela se mostra no instante em que o humano assume seu lugar dentro de si mesmo. Essa foi uma das descobertas que este caminho inacabado me mostrou. Um caminho em que os mundos sutis, leves e gentis, de Machado, desenharam trilhas que ficaram para trás e se apagavam em cada novo passo. “Não há caminho. O caminho se faz ao caminhar”.

Até bem pouco tempo não compreendia muito bem o destino que daria a tantas ideias que inundavam minha mente quando discutia a utilização do jornal impresso como ferramenta pedagógica nas escolas. Atuando profissionalmente no ambiente das redações de jornais, em sala de aula da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e ainda com pequenos leitores (por meio de oficinas de jornalismo em escolas e organizações não-governamentais), percebia que o jornal tinha muito mais a dizer do que apenas aquilo que estava posto nas palavras impressas nas páginas de papel; e nós tínhamos muito mais a fazer do que simplesmente ler.

As fotografias, as histórias em formato de notícia, as charges, o horóscopo, até mesmo o caderno de fofocas e novelas diziam, para mim e para os alunos, mais do que o que simplesmente se propunham a dizer. Inquietante esse entendimento. Mas era essa compreensão – sobre o quê não estava escrito – que eu buscava quando observava os leitores. Não uma busca analítica (como analisar o discurso não dito, ou coisas do tipo), mas uma busca pela subjetividade humana e as transformações a que ela submetia-se ao se deparar com uma folha de jornal. Ou seja: como o jornal impresso era apreendido ou “lido” pela subjetividade do leitor. Dependendo do leitor, a manchete do dia poderia se tornar um cartão de embarque para outros destinos que não estavam descritos no

caderno *Viagem*, mas que estavam escondidos dentro dos próprios leitores. Como se o jornal impresso fornecesse as senhas para o leitor fazer suas viagens, aventuras e descobertas. Percebia, com isso, uma relação dialógica entre o leitor e o jornal impresso, uma relação muitas vezes não compreensível, cheia de mistérios e questionamentos.

Devo confessar que, por muitas vezes, eu mesmo apossei-me desse bilhete, usei meu “direito de sonhar”, nas palavras de Gaston Bachelard, e perambulei por um labirinto que estava, simultaneamente, dentro e fora de mim o tempo todo, mas que era pouco explorado e vivenciado por mim. O jornal impresso foi o catalisador desse processo. Sempre que eu me permitia, as reportagens me levavam para novos lugares dentro e fora de mim. Revelavam-me paisagens, sujeitos, cenas, caminhos possíveis, saídas inesperadas que estavam mascaradas pelas próprias notícias. Forneciam-me informações, ideias, imagens pensantes, compreensões diversas e novas aprendizagens. Por vezes, me perguntava se era mesmo a leitura do jornal a responsável por tudo isso, mas não obtinha respostas racionais para tanto. Uma coisa é fato: sem a leitura do jornal impresso eu não teria passado por essas experiências.

Coloquei em xeque minhas predileções enquanto jornalista. Questionei a mim mesmo se o sujeito que caminhava ao lado dessas descobertas era o ‘eu’ professor/pesquisador/jornalista ou o ‘eu’ jovem universitário que no final dos anos 90 acreditava que o jornalista era um ser capaz de mudar o mundo e que o jornal era esse veículo de transformação.

Lembrei-me de quando era estudante do segundo grau e me debruçava sobre as páginas do jornal *O Povo*, na cidade de Fortaleza (CE). Entre uma manchete e outra, viajava pelo tempo e me transportava para o futuro imaginando-me desvendando as mais inescrupulosas falcatruas políticas, denunciando os criminosos do colarinho branco ou cobrindo jogos da Copa do Mundo da FIFA. O jornal fazia emergir minha imaginação, me fazia sonhar com o futuro, vislumbrar uma profissão e o humano que eu queria ser. Terminados os devaneios, avaliei minhas experiências pessoais, profissionais e algumas outras apreendidas com colegas e com os livros.

Aos poucos fui percebendo que sim. As experiências contidas nas linhas apertadas, muitas vezes borradas pela tinta preta em excesso, me conduziam a um percurso de autodescoberta ao passo que me apresentava às narrativas nas quais eu me encontrava enquanto ser humano. Tudo me levou a pensar que as histórias, as notícias, as imagens, os textos diversos nas páginas do jornal, além de ser fonte de informação e

conhecimento da realidade, podem também possibilitar esse reencontro com uma parte de nós que não deixamos muito à mostra.

Antes das críticas, a ressalva: o jornal pode nos conduzir por esse trajeto, mas não é o único meio. Longe de afirmarmos isso. Esse caminho talvez seja mais espinhoso para nós adultos, pois precisamos romper com os próprios (pré)conceitos construídos e arraigados ao longo da nossa formação. A experiência de ser um leitor livre de qualquer predefinição adquirida com o tempo é algo que pode ser mais bem apreendido com os jovens alunos. Como eles, permitir a nós mesmos que a leitura abra outras portas – enquanto possibilidades reais de conhecimento – ou ao menos nos aponte janelas, que nos façam ver, do alto, caminhos, paisagens que possamos conhecer, caminhos que poderíamos construir, transitar.

Ao pesquisarmos os jovens estudantes que leem o jornal impresso na escola, identificamos essa liberdade na leitura e principalmente na compreensão. É instigante perceber nos alunos o seu primeiro contato com novas leituras, esse universo que, por meio das letras impressas no jornal, nos faz ir além do que está escrito. É como se eles, no contato com o jornal impresso em sala de aula, fossem apresentados a um novo mundo, e desse novo mundo comesçassem a construir suas compreensões e fazer suas próprias críticas. Sem precisar copiar o discurso de ninguém. Poderíamos dizer, como Ítalo Calvino, que essa “escrita” funcionaria “como modelo de todo processo do real... e mesmo como a única realidade cognoscível” (1990, p. 39).

Nessa caminhada, percebi que sou capaz de me emocionar com as histórias dos outros. Descobri que posso reviver conquistas através da alegria estampada nas fotografias de capa. Compreendi que as narrativas factuais nem sempre descartam o sentimento e podem, sim, nos apresentar uma realidade carregada de prosa e, ao mesmo tempo, de poesia e possibilidades. Em pequenos parágrafos podem existir grandes histórias, assim como uma única frase pode conter uma grande narrativa. Era isso que Calvino defendia e desejava: “quero aqui propugnar pela riqueza das formas breves, com tudo aquilo que elas pressupõem como estilo e como densidade de conteúdo” (1990, p. 62). Por meio de suas manchetes, chamadas, frases curtas, o jornal ensaia essas formas breves da qual Calvino tanto falava, autor que imaginava imensas cosmologias, sagas e epopeias encerradas nas dimensões de um epigrama: “Gostaria de organizar uma coleção de histórias de uma só frase, ou de uma linha apenas, se possível”, dizia Calvino (1990, p. 64).

É a partir dessa compreensão que podemos transcender a informação e atirarmos-nos rumo a novas descobertas que servirão de sementes para “a árvore do conhecimento”, nos termos de Humberto Maturana (2001) e do autoconhecimento. Como afirmou o autor nessa obra que por muitos foi considerada controversa é marginal, “a vida é um processo contínuo de conhecimento”. Conhecer a si mesmo é um risco que precisamos correr, principalmente nos dias de hoje em que há tendências educacionais investindo esforços práticos e cognitivos na investigação e análise de uma educação voltada para a autoformação do sujeito nessa sociedade das tecnologias inteligentes.

Uma dessas tendências é o programa *Ler para saber mais*, desenvolvido pelo jornal *Gazeta do Oeste*, que estimula a leitura e discussão do jornal impresso em sala de aula. Tomo esse programa como objeto de investigação e, dentro dele, objetivo compreender de que maneira o jornal possibilita a construção de novos conhecimentos, experiências e saberes no caminho da condição humana e (trans) formação de valores. O programa integra um projeto nacional da Associação Nacional de Jornais e será apresentado em detalhes nos próximos capítulos.

1.1 Retalhos da pesquisa

No corpo desta dissertação alguns autores estarão mais evidenciados. Todos, naturalmente, têm uma importância singular para a construção, o aprendizado e a organização das ideias aqui propostas. Mas à luz do pensamento complexo – guia da minha compreensão para o alinhamento deste texto – destaco a relevância das obras de Edgar Morin e Jiddu Krishnamurti, autores fundamentais para a compreensão da minha pesquisa, autores que me tocaram de uma maneira particular, assim como a poesia de Manoel de Barros e Adélia Prado. Estes últimos, nos instantes de incerteza e desalinho, trouxeram-me a calma necessária para perceber que o vazio é infinito e é lá onde cabem mais coisas. Adélia ofereceu a luz da simplicidade para as frases mais difíceis de acontecer.

Antes de descrever nosso percurso metodológico, é importante fazer uma panorâmica acerca do método na perspectiva da complexidade, já que é essa perspectiva que nos orienta nesta pesquisa. É pertinente destacar que a complexidade não se

apresenta como uma metodologia, mas sim como uma forma de interpretar a realidade com a qual nos deparamos na pesquisa.

Complexo vem do latim *Complexus*: “o que envolve, que rodeia”. Participio passado de *COMPLECTI*, “abraçar”, “rodear”. Formado por *COM*, que quer dizer “junto”, mais *PLECTERE*, “tecer”, “entrelaçar”. A partir desse entendimento, seria arriscado perceber o método enquanto algo programático e previamente definido. O método está sujeito a todos os elementos que se entrelaçam na tessitura do pensamento complexo quando este está diante do desafio de compreender a complexidade das coisas. Portanto, método se diferencia de metodologia. Como afirma Morin, a metodologia é a guia que, *a priori*, programa as pesquisas; enquanto que o método, derivado de nosso percurso, se torna uma ajuda ou estratégia para a pesquisa (2008, p. 35 e 36). Portanto, o método se torna as estratégias que o pesquisador elabora para alcançar seus objetivos.

Enquanto estratégia da pesquisa, do pensamento e da interpretação, é pertinente pontuar três princípios do pensamento complexo que nos nortearam nesta pesquisa. São eles: o princípio hologrâmico (ou hologramático), o recursivo e o dialógico. O princípio hologrâmico, segundo Morin, destaca a compreensão de que “não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte” (2000, p. 94). Esse entendimento, a partir do princípio hologrâmico, esteve presente no caminho desta pesquisa. Não poderíamos em instante algum desmembrar, ou tentar compreender separadamente cada momento deste estudo.

O princípio recursivo nos orientou no sentido de que nós, enquanto sujeitos, somos produtos e produtores. Efeitos e causadores. Nas palavras de Morin, trata-se de “um circuito gerador em que os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz” (2000, p. 95). Foi importante nesse trajeto, porque nos deu a dimensão de cada ator envolvido nas atividades com o jornal impresso em sala de aula. Em alguns momentos me fez lembrar Paulo Freire, quando afirmou que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (1996).

O princípio dialógico “permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo” (MORIN, 2000, p. 96). A noção de dialógica nos aproxima de compreensões de ideias que deveriam anular-se mutuamente, mas na verdade são inseparáveis. No percurso assinalado na construção deste trabalho estes três princípios mostraram-se indissociáveis e a todo instante encontravam-se uns nos outros.

O desafio do método é ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas (MORIN, 1991, p. 39). Conceber o método como programa é, portanto, um equívoco. O pesquisador precisa conviver com estas possibilidades. O método não exclui as metodologias, ao contrário, ele recorre e adota as metodologias desde que elas sejam estratégias eficazes para se perceber a complexidade dos problemas. Dessa forma, é possível outra concepção do método: o método como caminho, ensaio gerativo e estratégia ‘para’ e ‘do’ pensamento. O método como atividade pensante do sujeito vivente não-abstrato (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 18).

Abro um parêntese para relatar uma experiência particular. Impressões minhas no caminho. Todos os atores dessa pesquisa são sujeitos viventes. Compreendo que para a pesquisa todos devem comportar-se como tal. Foi importante nesse percurso a visão distanciada do “eu” pesquisador. Em alguns momentos, precisei me afastar do meu objeto e olhar para ele pelo meu próprio olhar. Naturalmente que, para mim, essa foi uma tarefa de risco. Esse distanciamento não me dissociava enquanto pesquisador/observador/sujeito, como também não me afastava do meu objeto. Dava-me a possibilidade de lançar uma nova luz sobre a pesquisa e sobre mim enquanto sujeito pesquisador.

Num primeiro momento, foi desafiador olhar para o meu próprio olhar sobre o objeto pesquisado. Mas, nas fundamentações teóricas, nas leituras, conversas e durante a qualificação desta pesquisa, me agarrei a algumas considerações que me fizeram seguir em busca de esclarecimentos sobre esse novo olhar.

Cito aqui, nesse percurso metodológico, o livro *Autores-cidadãos: a sala de aula na perspectiva multirreferencial*, do professor Joaquim Gonçalves Barbosa (2000). A obra reverbera, na minha compreensão, pensamentos de Morin (os princípios hologramático, recursivo e dialógico) e forneceu-me segurança para caminhar em terrenos em que ainda sentia-me pouco à vontade para pisar.

Barbosa (2000) afirma que o envolvimento e o distanciamento são “núcleo condutor da reflexão”. E acrescenta:

É nesse jogo necessário, de se ver envolvido (implicado) e ao mesmo tempo distanciado por meio da reflexão, que o pesquisador buscará sentido para o seu “objeto”. O sentido criado pelo observador proporcionará autonomia e vida para ambos: observado e observador (BARBOSA, 2000, p.14).

Foi significativa esta compreensão, principalmente porque, em muitos momentos, eu – enquanto sujeito pesquisador ainda em construção (continuo até hoje) – me via diante de momentos complicados, desafiadores, em que o que mais queria era uma solução rápida. Foi reconfortante descobrir nas leituras que em outros lugares, outras pesquisas, pesquisadores também passavam por dilemas e conflitos semelhantes.

Ao defrontarmo-nos com a realidade, nosso objeto de pesquisa, desencadeia-se no sujeito observador um longo e denso processo de angústia e tensão diante do propósito de decifrá-la. Para sair rapidamente desse processo angustiante, é comum aos alunos e a todos que realizam pesquisa fugirem dessa tensão buscando, alucinados, soluções rápidas e prontas (BARBOSA, 2000, p. 19).

Barbosa (2000) explica que esse processo tem uma relação muito próxima com a nossa vida em família e em sociedade, quando recebemos uma formação voltada muito mais para atender às demandas dos outros que à autonomia do pensamento. Percebi que não apenas poderia, mas deveria identificar, reconhecer e refletir sobre o que aconteceu e acontece comigo enquanto sujeito pesquisador. Foi uma experiência positiva no caminho metodológico desta pesquisa.

Fechado o parêntese, voltemos ao método que, como estratégia, busca outros recursos para atingir seu objetivo. Essa perspectiva não está distante do entendimento de Roberto Richardson, em *Pesquisa social: métodos e técnicas*, para quem o método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos (2010). A pesquisa social serve como amparo no percurso que vamos percorrer, mas não será o centro gravitacional de nossa pesquisa. Como o pensamento complexo não descarta o que foi construído, ele tenta rejuntar muito mais do que rejeitar as perspectivas divergentes, durante essa pesquisa outros recursos metodológicos serão inseridos ou substituídos tendo em vista a necessidade do objeto investigado.

Podemos dizer que essa pesquisa, fundamentada no pensamento complexo, tomou como referência, e complementaridade, o *método qualitativo* que busca compreender a natureza de um fenômeno social. No entanto, na perspectiva da complexidade não podemos estabelecer os procedimentos e executá-los simplesmente. É preciso estar pronto para lidar com o imprevisível. Receber o que as transformações

dos sujeitos nos oferecem e utilizar essas mudanças na tessitura de um novo método. Ou seja, inserir no tear metodológico os retalhos que vamos encontrando pelo caminho.

Ao estudarmos de que maneira a leitura do jornal impresso em sala de aula tem contribuído para a formação humana dos estudantes, encontramos abrigo na investigação qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa em educação tem um caráter flexível e permite aos sujeitos responderem de acordo com suas experiências pessoais em vez de terem de se moldar a questões previamente elaboradas. Bogdan e Biklen (1994) afirmam ainda que a investigação qualitativa assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. De acordo com os autores, os investigadores que primam por pesquisas qualitativas frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Nesse prisma, as ações podem ser melhor compreendidas porque são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. É importante estabelecer estratégias e procedimentos que permitam levar em conta as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os sujeitos de sua investigação.

Richardson (2010) define a pesquisa qualitativa como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em vez de voltar o foco para a produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos. É com esse olhar de compreensão que entramos no universo dos estudantes que participam do programa objeto de nossa pesquisa. Com essa perspectiva, nossa metodologia é centrada em uma pesquisa qualitativa descritiva. Utilizamos como estratégias complementares entrevistas semi-estruturadas, oficinas e a observação participante.

De acordo com Edgar Morin, a investigação deve favorecer a emergência dos dados concretos e, a este título, deve ser suficientemente flexível para recolher documentos na forma bruta – anotações de acontecimentos, registro de discussões, entrevistas – e transformá-los em produtos da pesquisa. A investigação deve permitir ao investigador aprender as diversas dimensões do fenômeno estudado e recorrer a diferentes tipos de abordagem (MORIN, 1984).

Entendemos que a entrevista é uma estratégia enriquecedora para a pesquisa, pois ela permite uma espécie de libertação do sujeito. Para o percurso metodológico, essa libertação foi de importância significativa para identificarmos os resultados da leitura do jornal impresso em sala de aula. Morin (1984), em *Sociologia*, traz

orientações a respeito da utilização dessa ferramenta. Segundo ele, a entrevista é conseguida a partir do momento em que a palavra do entrevistado se liberta das inibições e dos constrangimentos e se torna uma comunicação. Essa liberdade é combustível que abastece o pesquisador e conduz ao apanhado de dados mais reais e cruciais para os resultados do estudo. A entrevista, se bem conduzida, permite a imersão no mundo dos entrevistados.

Estes mergulhos com os gravadores a fazer de caixotes e os microfones a fazer de arpões, arrastaram-nos para a dimensão oculta de existências que, à primeira vista, aparecem sempre bidimensionais. E de todas as vezes, após um certo ponto de imersão, a misteriosa terceira dimensão manifestava-se por mudança das perspectivas, aparecimento de temas obsessivos, emergência das aspirações e das insatisfações. A entrevista levou-nos ao último continente inexplorado do mundo moderno: o outro (MORIN, 1984, p. 136).

Depois de algumas reuniões com a coordenação do programa *Ler para saber mais* e de questionários aplicados aos professores que integram o programa, a Escola Municipal Antonio da Graça Machado foi escolhida como *locus* da pesquisa¹, que foi realizada no segundo semestre letivo de 2012 no turno matutino, com dez estudantes do quinto ano, com idades entre 10 e 11 anos, com duas professoras que utilizam o jornal como ferramenta pedagógica e com a supervisora da unidade escolar. Estabelecemos como parâmetro a observação, a realização de entrevistas com as professoras escolhidas e entrevistas com os estudantes. Todas as entrevistas, bem como as observações foram feitas com a utilização de recurso audiovisual. Antes do início das aulas em que o jornal impresso era utilizado instalamos uma câmera de vídeo e captação de áudio – com o consentimento das professoras e alunos, para o registro da rotina de atividades e todas as manifestações individuais no decorrer dos trabalhos.

Como pesquisamos indivíduos ainda no início da adolescência, optamos por apresentá-los com pseudônimos, com nomes de flores, como pode ser percebido nos próximos capítulos. A mesma abordagem também foi utilizada para os professores. Cada flor carrega um significado e representa características apreendidas na convivência com os jovens estudantes.

¹ Os critérios e o método utilizados para a escolha da Escola Municipal Antonio da Graça Machado estão listados no capítulo quatro desta dissertação.

A pesquisa foi dividida em três fases. A primeira consistiu em um estudo com caráter exploratório sobre a interface Jornal e Educação no Brasil e em Mossoró. A segunda fase foi marcada pelo acompanhamento e análise dos programas em curso nas escolas mossoroenses, bem como entrevistas com alguns professores que passariam para a próxima fase. Essa etapa também foi determinante para que fosse eleita a unidade que contemplaria o ápice e o final da pesquisa.

Por fim, na terceira – com a definição da escola em que atuaríamos, acompanhamos durante o segundo semestre letivo do ano de 2012, a rotina de alunos e professores que protagonizam o programa. A análise dos dados teve como base referenciais do pensamento complexo.

Esta dissertação apresenta-se dividida em cinco capítulos: 1 – Descobrindo caminhos; 2 – Jornal e educação; 3 – Educação, cidadania e a condição humana; 4 – O caminho se faz caminhando, e 5 – Considerações e proposições.

Neste primeiro capítulo, minha trajetória enquanto sujeito. O quê me levou aos caminhos da educação e da comunicação. Como e por que a identificação e escolha deste objeto. Uma sutil apresentação do caminho que percorremos e onde fomos buscar fundamentação para os meandros dessa pesquisa.

No segundo capítulo, registro um percurso histórico da interface “Jornal e Educação”. Um panorama do surgimento dos programas que utilizam o jornal em sala de aula e estabelecem a ligação entre o veículo de comunicação e a escola. Quando e onde surgiram, quando foram implantados no Brasil, quando chegaram a Mossoró, no Rio Grande do Norte. Abordamos ainda a formatação dos programas e como são desenvolvidos nas escolas. Revelado esse caminho, apresento em detalhes o nosso objeto de estudo, o Programa *Ler para saber mais*, desenvolvido pelo Jornal Gazeta do Oeste, em Mossoró.

No terceiro, exponho uma abordagem sobre a educação para a condição humana. Nesse entendimento, percorro alguns conceitos de cidadania e como o educar para a condição humana pode contribuir para a construção de uma cidadania mais humanizada e menos conceitual nas raízes políticas. Um capítulo que traz visões mais tradicionais da educação e da cidadania, mas que mostra como a condição humana pode ser um caminho rico e positivo. Nessa discussão, percebemos o jornal impresso como uma alternativa para se vivenciar a cidadania e a condição humana. A cidadania por meio da interação com as informações e notícias sobre a cidade e tudo o que a envolve. A

condição humana por meio das vivências e aprendizagens que a utilização do jornal impresso em sala de aula pode proporcionar.

No quarto capítulo, trago a análise dos dados encontrados no campo à luz do pensamento complexo. Este capítulo nos revela a riqueza dos depoimentos dos estudantes e professores. Apresenta-nos experiências sensoriais e humanas de como a leitura do jornal impresso em sala de aula atinge os sujeitos.

No quinto e último capítulo, que tradicionalmente contém as considerações finais, fujo um pouco desse modelo protocolar e apresento proposições que podem servir de base para professores, pesquisadores, comunicadores e estudantes que identificam no jornal um instrumento útil no caminho de uma educação humanística, transdisciplinar, voltada para o respeito às diferenças e formação de valores.

Ao final, o detalhamento dos caminhos bibliográficos percorridos para a fundamentação deste trabalho.

CAPÍTULO 2

*“Temos uma imagem de nós mesmos que é muito menor
do que aquilo que verdadeiramente somos.
Fazemos as coisas que só cabem no tamanho
da forma que nos projetamos”. Joseph Campbell*

*“Conhecer o humano é, antes de tudo,
situá-lo no universo, e não separá-lo dele”. Edgar Morin*

2. JORNAL E EDUCAÇÃO

“Nós, seres humanos, perdemos a vida buscando coisas que já encontramos”. Quando o escritor e jornalista argentino, Tomás Eloy Martínez, afirma isto (2004, p. 223) ele está considerando o universo e as inquietações dos editores de jornais impressos que todas as manhãs, em qualquer latitude, chegam a seus escritórios perguntando-se com que palavras e como seduzir o leitor para um universo de informações diariamente veiculado pelas rádios e TVs de todos os lugares, quase que ao mesmo tempo. As inquietações desses editores dos quais fala Martínez, não são muito diferentes daquelas que os educadores têm com relação aos conteúdos que devem trabalhar em sala de aula: com quais palavras seduzir os alunos para a reflexão, para o aprendizado e o conhecimento? Esse é um dos exemplos que nos faz perceber a relação entre o editor de jornal impresso e o educador que está preocupado com o entendimento do aluno em sala de aula.

A relação entre o jornal impresso e a educação não é um diálogo recente, bem como a pesquisa dessa interface. Apesar de recente no Brasil, a iniciativa dos jornais impressos em estabelecer relações com os jovens leitores começou há 80 anos. Mais precisamente em 1932, com o jornal *New York Times*. O periódico norte-americano foi pioneiro na interface jornal/educação. No final dos anos 90 e início desse século, segundo reportagem do suplemento *Folha Educação*², do jornal *Folha de São Paulo*, foram registrados nos Estados Unidos oitocentos programas desse tipo, que submetem suas iniciativas a um instituto denominado *Newspaper in Education (NIE)*.

De acordo com o professor e pesquisador Péricles Diniz, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFBR), no artigo “O jornal em sala de aula” (2004), em várias partes do mundo surgiram entidades e organizações destinadas a estimular e coordenar esse tipo de programa. Como exemplo no mundo, além do *Newspaper in Education (NIE)*, podemos citar o *Centre de Liaison de l'Enseignement ET des Médias d'Information (CLEMI)*, na França.

No Brasil, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) é a responsável pela coordenação dos projetos no país a partir de um programa nacional denominado *Jornal e Educação*. O Programa consiste em iniciativas, de autoria de associados da ANJ, que

² Folha Educação, edição número 21, maio/junho de 2003, p.8.

se constituam em ações em prol da leitura, voltada para alunos de quaisquer níveis ou para outro tipo de público que participe de alguma ação educativa, de atuação junto a mediadores de leitura, com o objetivo de formar leitores críticos, numa perspectiva efetiva de cidadania e participação social. Já são dezessete anos de realização no Brasil.

O precursor dessa iniciativa foi o *Jornal Zero Hora*, do Rio Grande do Sul. Atualmente, existem jornais associados desenvolvendo o programa em todos os estados da federação e no Distrito Federal, de Norte a Sul do país.

De acordo com Associação Nacional de Jornais (ANJ), dentre os associados, muitos já criaram programas que levam jornais às escolas, bibliotecas e outras instituições educativas com o intuito de formar novos leitores, contribuindo para que se revertam os baixos índices de leitura entre os brasileiros.

Dados de 2012 mostram que a ANJ possui 50 programas em todas as regiões brasileiras (alguns em reformulação), sendo que as regiões Sudeste e Sul possuem o maior número de iniciativas. Há também programas de jornais não-associados, mas que são desenvolvidos. Embora compactuem do mesmo objetivo, são programas variados que se moldam à realidade das empresas que os desenvolvem e às particularidades de cada cidade. Durante 15 anos, até 2009, todos os anos um novo programa era lançado.

Quanto ao tipo de público a que atendem, a realidade constatada é bastante diferenciada e demonstra que cada associado vem encontrando formas originais e criativas de promover suas ações na formação do leitor/cidadão do futuro.

O último levantamento feito pela Associação Nacional de Jornais mostra o alcance do programa. Desde sua criação em 1996, seis mil e oitocentas escolas já foram contempladas. Dentro desse universo, um milhão e oitocentos mil estudantes foram atendidos e quase 68 mil professores atuaram como facilitadores.³

Em *Jornal na Educação: considerações pedagógicas e operacionais*, a professora e pesquisadora Silvia Costa descreve o funcionamento do programa nas escolas brasileiras:

Através do Programa Jornal e Educação, convênio entre empresa jornalística e escola (ou professores), quotas de jornais são destinadas ao uso escolar sem ônus para os beneficiários. Além dos exemplares, cada jornal atuante dispõe de um coordenador para orientar e acompanhar o trabalho dos professores. São realizadas atividades de

³ Os dados citados pela Associação Nacional de Jornais encontram-se apresentados no site da Associação, no ícone 'Jornal e Educação'. A pesquisa completa realizada com as empresas de comunicação associadas está no endereço eletrônico www.anj.org.br/jornaleeducacao. Data da última pesquisa 15.05.2013.

intercâmbio entre os estudantes, docentes e o meio jornalístico (COSTA, 1997, p. 13).

Em 2012 a distribuição de programas em andamento no Brasil era a seguinte: Região Norte - 1 programa/jornal, Região Nordeste - 8 programas/jornais, Região Centro-Oeste - 5 programas/jornais, Região Sudeste - 23 programas/jornais e Região Sul - 16 programas/jornais.

A cidade de Mossoró integra o grupo da Região Nordeste que teve como pioneiro o *Jornal A Tarde*, de Salvador (BA), que implantou o programa *A Tarde Educação*, no ano de 1996. No Nordeste, destacam-se ainda os jornais cearenses *Diário do Nordeste* (*Projeto Jornal na Sala de Aula*) e *O Povo* (*O POVO na Educação*); os diários maranhenses *O Imparcial* (*Leitor do Futuro*) e *O Estado do Maranhão* (*O Estado presente na escola*), e o *Jornal do Comércio*, em Recife, com o programa *JC na Escola*.

Em Mossoró, o *Jornal Gazeta do Oeste* foi o primeiro veículo impresso a se integrar ao projeto na ANJ. O programa *Ler para saber mais* foi criado em 2005. Mais tarde, em 2007, o *Jornal De Fato* (programa: *Formando Novos Leitores*), também passou a integrar o grupo de jornais com projetos em desenvolvimento.

Uma pesquisa realizada pela ANJ junto às empresas associadas revelou que, mesmo entre aquelas que ainda não criaram seus próprios programas de leitura e educação, há uma preocupação na aproximação com as escolas, seus alunos e professores. Isso se dá por meio de cadernos, suplementos e publicações voltadas para o público composto de estudantes e docentes. Com temáticas sobre educação, vestibular e leitura, os jornais estabelecem uma ligação com o cenário escolar, o que nos faz pensar que o interesse dos editores de jornais vai além de criar somente novos leitores consumidores de jornais impressos.

2.1 O Programa Ler para saber mais

Em Mossoró, o Programa *Ler para saber mais*, objeto de estudo desta pesquisa, nasceu em maio do ano de 2005. O professor Marcos Antonio de Oliveira foi o responsável por trazer a iniciativa para Mossoró. Marcos era o editor do *Caderno*

Escola, suplemento do *Jornal Gazeta do Oeste*. O professor entrou em contato com a coordenação do programa nacional da ANJ e informou do interesse em implantar o projeto nas escolas de Mossoró e cidades vizinhas. A coordenadora nacional do projeto, Cristiane Parente, veio a Mossoró e participou das primeiras reuniões com os professores das escolas que manifestaram interesse em se juntar ao *Ler para saber mais*. As escolas enxergaram no programa uma possibilidade de levar aos alunos uma fonte de informações atuais e cotidianas, e a partir disso melhorar o nível de leitura e de atualidades. O jornal, assim como todos os que integram o Projeto Jornal e Educação, pretendia formar novos leitores e estreitar os laços com a rede de educação da cidade.

O programa ganhou corpo e destaque a partir dos resultados que eram compartilhados pelos professores de Mossoró e de cidades como Baraúna e Governador Dix-sept Rosado. Em cada ano, novas atividades foram surgindo para que os frutos do programa fossem apresentados à comunidade escolar e também aos leitores do *Jornal Gazeta do Oeste*. Uma delas é o *Seminário Ler Para Saber Mais*. O evento reúne cerca de 300 professores das redes pública e particular de ensino de Mossoró-RN. Palestrantes de diferentes estados brasileiros já participaram do seminário, trazendo à mesa discussões importantes para o cenário educacional tais como “*Educação, leitura e cidadania: a busca pelo reencantamento*”, “*Educomunicação: diálogo criativo no espaço educacional*” e “*A leitura e a formação do professor: caminhos para o sucesso da escola*”. Discussões que enfocaram temáticas sobre como o jornal, a leitura e a literatura podem contribuir para melhorias no ensino brasileiro.

Além dos seminários, os quais começamos a realizar há quatro anos, outras atividades são desenvolvidas para professores e alunos, como oficinas, palestras, amostras de trabalhos das escolas, atividades com o jornal nas escolas, como a leitura crítica por parte dos alunos, desenvolvidas pelos professores. Também participamos das edições da Feira do Livro de Mossoró, com um estande expondo o nosso trabalho de formação do leitor. As escolas são incentivadas também a criar o seu jornal escolar, com a participação dos alunos, evidenciando assim o protagonismo dos jovens estudantes ⁴.

São oito anos de atividades. Nesse período, mais de 40 mil estudantes do ensino fundamental de 117 escolas públicas e privadas de Mossoró participaram do programa.

⁴ Marcos Antonio Oliveira é professor licenciado em Letras e coordena o Programa Ler para Saber Mais, do *Jornal Gazeta do Oeste*. O professor foi entrevistado em três oportunidades para a confecção desta dissertação. Nos dias 19/05/2013, 30/10/2012 e 25/07/2012.

No ano de 2013, trinta escolas estão ativas no programa. Trezentos exemplares do *Jornal Gazeta do Oeste* são distribuídos diariamente para o trabalho em sala de aula.

O programa desenvolvido em Mossoró funciona durante oito meses por ano e atende alunos do 4º ano ao 9º ano do ensino fundamental nos dois semestres letivos. No primeiro de março a junho, e no segundo de agosto a novembro. São distribuídos no mínimo dois exemplares do jornal, por sala integrada ao programa. A distribuição ocorre em todos os dias letivos da semana. Em 2013, o programa teve início no mês de março e tem previsão de atividades até o mês de novembro, com a avaliação final dos trabalhos nas escolas.

A cada ano, o número de escolas participantes aumenta de maneira significativa. No primeiro ano do programa foram seis escolas. De 2005 a 2013 este número cresceu quinhentos por cento, registrando inclusive o interesse de escolas e professores da rede pública de outras cidades da região Oeste do Rio Grande do Norte.

A avaliação das escolas se dá com a produção de textos decorrentes das atividades com o jornal na sala de aula, aliando o conteúdo do jornal ao conteúdo da disciplina e estudando o objeto jornal, levando-se em conta as questões ideológicas e sociais que envolvem a publicação das matérias. Todo o material produzido pelas instituições escolares é publicado no caderno *Escola*, suplemento que é publicado todas as quartas-feiras no *Jornal Gazeta do Oeste*, abordando, por meio de artigos, textos e notas, a temática da educação e questões voltadas para o cotidiano escolar. Se é possível dizer que “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” (Lopes; Mendonça, 1998, p. 34), poderíamos afirmar que o jornal impresso é também essa “máquina preguiçosa” que pede aos alunos e professores (leitores) para ser lido, pede para que eles façam sua parte e que façam a parte de seu trabalho.

2.2 Metodologias em sala de aula

Segundo a professora Silvia Costa, no livro *Jornal na Educação: considerações pedagógicas e operacionais* (1997), esse modelo de programa possui três funções muito bem delineadas. A primeira é a função empresarial. Naturalmente, o objetivo primitivo dos jornais é o de formar novos leitores para não perder mercado. A segunda e a terceira

funções, em minha compreensão, são as mais relevantes do ponto de vista humanístico e pedagógico. A segunda é a função educativa, quando contribui para o enriquecimento do processo pedagógico. A terceira é a função social, ao passo que permite os alunos de uma camada social menos favorecida o acesso ao jornal.

A metodologia de trabalho é simples e não exige muitos recursos além dos exemplares dos jornais e a criatividade dos professores. Todos passam por uma capacitação com foco na utilização dos jornais em sala de aula. Uma espécie de treinamento para sugerir atividades e esclarecer dúvidas de como cada conteúdo pode ser trabalhado junto aos alunos.

Anualmente, a coordenação do programa estipula um período para inscrições das escolas interessadas em participar. Dependendo do porte do jornal e da cidade em que há a circulação, é estabelecido o número de colégios que serão atendidos. Encerrado o prazo para inscrições, cada escola designa dois professores e, em alguns casos, alunos que ficarão responsáveis pelo programa naquela unidade de ensino.

O grupo de professores selecionados é convocado para participar de oficinas com profissionais da área da comunicação e pedagogia. Nas oficinas, todos são apresentados ao funcionamento de um jornal impresso. Conhecem a estrutura, profissionais que atuam nessa área, tipos de texto, estrutura das redações e todo o processo de produção das notícias. Esse momento aproxima os professores do universo jornalístico e contribui para que os docentes desenvolvam mais aptidões para uma análise crítica das notícias desde o momento da apuração até a publicação. Com isso, os professores se sentem mais próximos da realidade de um jornal e o jornal se torna mais próximo do professor, da sua realidade cotidiana que, muitas vezes, o próprio professor desconhece; os professores se apropriam da confecção das informações e o jornal se torna uma estratégia pedagógica de aprendizagens.

De acordo com a jornalista e professora Cristiane Parente, coordenadora executiva do *Programa Jornal e Educação*, da Associação Nacional de Jornais, é importante a integração entre o jornal e a escola. Cristiane afirma que “o jornal, assim como a escola, faz parte da vida de milhares de pessoas. São espaços que permitem a aprendizagem de alunos e professores leitores. Essa integração abre novas possibilidades para o aprendizado”.

Essa simbiose se apresenta como uma estratégia vantajosa para todas as disciplinas porque possibilita a relação entre os conteúdos didáticos, as notícias

apresentadas pelos jornais e a realidade de cada estudante que manuseia o veículo de comunicação impressa.

O jornal enquanto apoio às disciplinas é o básico. A utilização para atualização dos conteúdos é o mínimo que se pode fazer com o jornal. O jornal é muito mais rico, porque ele é um meio de comunicação. Ele veicula uma representação do mundo⁵.

Nessa perspectiva, alunos e professores quebram alguns paradigmas que acabavam por afastar o processo de ensino e aprendizagem da condição humana. O modelo conservador e antiquado de que os docentes detêm o saber e os estudantes são apenas receptores de informações é desconstruído. Com a utilização de recursos como o jornal em sala, o foco das aulas deixa de ser a figura do professor e volta-se para o conteúdo.

O professor deixa de ser um mero transmissor do conhecimento e se torna um construtor do conhecimento, um formador que também se forma no mesmo exercício. De maneira ainda tímida, acontece aquilo que dizia Paulo Freire: o formador/professor e o formando/aluno vão “se conscientizando de que ensinar não é *transmitir conhecimentos*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 24 e 25, destaque do autor).

Por meio do programa *Ler para saber mais*, por meio da criatividade do professor e do interesse dos alunos, o jornal impresso em sala de aula tem se mostrado uma dessas possibilidades de construção e/ou ampliação do conhecimento. Essa experiência com o jornal impresso em sala de aula tem mostrado também que “quem ensina aprende ao ensinar e que quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, 25). A questão deixa de ser o ensinar e se torna o que é importante aprender e como aprender.

As informações trazidas pelo jornal passam a ser vistas e trabalhadas como ferramentas de como aprender. Uma ferramenta pedagógica. “O processo de aprendizagem, o ‘como aprender’ é mais importante que o armazenamento de conteúdos. Com isso se cria condições para a aprendizagem contínua, após o aluno ter deixado a escola” (COSTA, 1997, p.15).

⁵ A professora e jornalista Cristiane Parente é a coordenadora executiva do Programa Jornal e Educação, da Associação Nacional de Jornais (ANJ). A professora foi entrevistada no dia 07 de outubro de 2011.

As atividades propostas em sala estimulam o processo imaginativo e criativo não apenas dos alunos, mas dos próprios professores. Professores e alunos são inseridos na mesma aventura: transformam, juntos, informações em aprendizagens, leituras em descobertas, imagens e manchetes em viagens imaginárias, mentais. Todos estão, ao mesmo tempo, aprendendo, ensinando, compartilhando: construindo conhecimento. Exercícios que encorajam novos pensamentos e geram mais respeito às divergências que surgem a partir das discussões teóricas acrescidas das experiências e vivências retratadas nas páginas dos jornais impressos.

Ao perceber isso, uma pergunta me inquietou: como a leitura do jornal em sala de aula pode gerar reflexão, de maneira a contribuir com a formação humana do aluno? Esse é o questionamento que tento responder com essa pesquisa e foi ele que norteou nosso caminho.

2.3 A escola e os meios de comunicação

A utilização do jornal impresso em sala de aula tem sido objeto de pesquisas há mais de 15 anos. Depois do surgimento dos projetos estimulados pelo *Programa Jornal e Educação*, da ANJ, resultados relevantes foram, gradativamente, percebidos nas escolas participantes, como o melhor desempenho dos estudantes nas leituras, aumento do vocabulário e da capacidade de articulação e melhor compreensão dos conteúdos. A temática despertou o interesse da academia, visto que os rumos da educação ganhavam novas nuances e, aos poucos, abandonavam modelos conservadores onde professores detinham o saber e os alunos eram apenas personagens passivos do processo ensino/aprendizagem.

Um dos principais teóricos da comunicação e cultura da atualidade traz discussões pertinentes acerca da relação escola/meios de comunicação. Jesús Martín-Barbero externa uma visão um tanto quanto passional voltada para a defesa dos meios de comunicação. Martín-Barbero, em *Dos Meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia* (2001), traça um paralelo entre a mídia e a educação oferecida nas escolas. Segundo ele, a mídia (e destaca a televisão) expõe as crianças ao mundo que, teoricamente, pertenceria apenas aos adultos. Estaria aí, na ótica do autor, uma das razões da resistência dos educadores aos produtos da mídia. Para ele, a escola

compreende novas formas de circulação do saber como um “atentado a sua autoridade” (MARTIN-BARBERO, 2001, p.59).

Compreendo a contribuição importante do teórico espanhol para a discussão educação/comunicação. Confesso que antes de abraçar também a carreira de docente e me lançar sobre a aurora da Pedagogia compartilhava desse entendimento. Percebia (equivocamente, no meu ponto de vista) a escola como uma preconceituosa mãe que não permite que seus filhos experimentem novas perspectivas.

Mas, diante dos estudos que desenvolvemos em Mossoró com o programa *Ler para saber mais*, as experiências colecionadas há mais de quinze anos pelo *Projeto Jornal e Educação*, da ANJ, somadas às vivências e aprendizados no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC/UERN), revi alguns posicionamentos e ideias. Penso, hoje, a escola em um patamar muito diferente. Não falamos aqui da importância secular e fundamental da escola na formação humana e profissional do sujeito. Refiro-me ao fato de enxergar a escola, hoje, com mais abertura (e até mesmo interesse) em fazer da comunicação – e dos meios de comunicação, em particular o jornal impresso – aliada de primeira hora para a construção de humanos mais conscientes do seu papel enquanto sujeitos da própria vida, da vida de sua família e da sociedade em que está inserido.

A escola a qual Martin-Barbero (2001) se refere talvez esteja ainda em meados do século passado (e ainda existem escolas assim), mas na contemporaneidade já identificamos o avanço em questões como a atuação interdisciplinar. As próprias escolas e uma corrente de pesquisadores já caminham para a aceitação de que a aprendizagem não está restrita ao ambiente escolar, como afirma a socióloga Maria da Graça Setton:

A educação contemporânea está vivendo um conjunto de transformações que influenciam a natureza das nossas relações pessoais e sensibilidade e, conseqüentemente, passam a condicionar as instituições que regulam nosso aprendizado, nossa formação cognitiva, afetiva, psicológica, portanto, nossas percepções sobre o mundo (SETTON, 2010, p. 24).

Atualmente, a escola demonstra compreensão desse entendimento proposto por Setton (2010). Um entendimento que sugere a mídia como um espaço útil e necessário para a produção de valores, idéias, concepções. O discurso fatalista de que a imprensa só mostra desgraça, só explora o sensacionalismo e a espetacularização das notícias não

deve dominar a mente dos formadores/educadores. É verdade que, muitas vezes, o modo como os jornais dão a notícia é pouco atrativo. Também não é falso afirmar que alguns dados nos assombram, mas existem outros que nos comovem. Quero dizer que o discurso sobre os veículos de comunicação – e no caso desta dissertação, do jornal impresso – não é unilateral e fatalista. Muitas escolas já perceberam isso e podemos afirmar que os programas do projeto *Jornal e Educação* – como o *Ler para saber mais* – deram sua contribuição. Penso como Martínez que “A grande resposta do jornalismo escrito contemporâneo ao desafio dos meios audiovisuais é descobrir, onde antes havia só um fato, o ser humano que está detrás desse fato, a pessoa de carne e osso afetada pelos ventos da realidade” (MARTÍNEZ, 2004, p. 226).

Os professores que passaram pelas capacitações, as escolas que se integraram ao programa deram um passo à frente nessa compreensão. Ao invés de excluir, censurar a mídia, trouxeram os jornais para sala de aula como um instrumento de discussão, de reflexão sobre o ser humano e de produção de conhecimento. E isso não pode ser desconsiderado na atual conjuntura cultural e educacional do nosso país.

As maneiras pelas quais interagimos e nos adaptamos ao mundo, as maneiras pelas quais orientamos nossas práticas cotidianas, as formas de perceber o outro e a nós mesmos mudaram a partir da presença constante das mídias em nossas vidas (SETTON, 2010, p. 23).

A autora traz uma colocação pertinente e realista: os mais jovens refletem hoje uma visão de mundo em que muitas decisões, escolhas, condutas são formuladas e adotadas com base em conceitos e modelos fornecidos pela mídia. Setton afirma que “para o bem ou para o mal as mídias transmitem mensagens contribuindo para a formação de identidade de todos” (2010, p. 15). E é importante que os professores e os pais tenham conhecimento e interajam com as informações fornecidas pela publicidade, pelos jornais, revistas, redes sociais, etc.

Compreendo que cabe aos educadores essa intermediação das mensagens oferecidas pela mídia. A contextualização dessas mensagens com os valores produzidos em sala de aula, em família, em sociedade. Dessa maneira, é possível utilizar a mídia, no nosso caso, o jornal impresso, como uma ponte entre as informações publicadas nas páginas do impresso, os conteúdos programáticos e os valores comportamentais. Setton destaca o seguinte pensamento:

O aprendizado das gerações atuais se realiza pela articulação dos ensinamentos das instituições tradicionais da educação – família e escola (entre outras) – com os ensinamentos das mensagens, recursos e linguagens midiáticos (SETTON, 2010, p. 24).

O educador/professor não pode desconsiderar essa nova realidade. A educação não presencial faz parte do contexto atual, e não acontece mais nos moldes antigos quando o mestre sentava-se com o discípulo e ali acontecia o processo ensino/aprendizagem.

2.4 O jornal impresso como estimulador do pensamento

Há muitos autores e correntes de estudiosos da comunicação que pregam já há alguns anos o fim do jornal impresso por conta do surgimento de novas plataformas (como a internet) e pela modernização de outras (rádio e televisão). A possibilidade de interação em tempo real com essas mídias é um diferencial que o jornal não tem como forma de atrair leitores. Há os que rotulam esse importante e histórico veículo como algo ultrapassado, talvez porque a rapidez das informações não construa mais o leitor que se debruça sobre o texto como quem se deita numa cama para sonhar. Vejo com cautela e preocupação o que preconizam esses estudiosos. Nessa polêmica midiática, penso como Martínéz, que afirma:

É preciso desfazer a concepção de que as pessoas não têm mais tempo para ler jornais, pois as pessoas sempre encontram tempo para fazer as leituras que, para elas, são instrutivas, elas sempre têm tempo para alimentar sua curiosidade, algo que a educação pedagogicamente poderia melhor trabalhar (MARTÍNEZ, 2004, p.231).

O livro *O catador de pensamentos*, mostra-nos algo semelhante a esta compreensão. O livro nos transporta para uma dimensão onde os pensamentos têm vida própria. A narrativa traz a história do “senhor Rabuja”, um velho homem de cabelos finos e brancos, expressão surrada pelas décadas de história, corcunda, de andar lento e firme sempre apoiado por sua bengala. Com sua fala mansa e compassada, ele

cumprimenta todas as pessoas que encontra enquanto trabalha, diariamente, recolhendo pensamentos nas ruas e becos de uma pequena cidade. Com uma mochila nas costas e um vagaroso caminhar, ele assobia e lentamente todos os pensamentos seguem para dentro da bolsa surrada, alguns soltos, outros velhos, uns sem usos, mas todos relevantes para o senhor Rabuja. Nenhum lhe escapava. “Pensamentos bonitos e feios, alegres e tristes. Pensamentos inteligentes e bobos, barulhentos e silenciosos, compridos e curtos. No fundo, todos são importantes para ele, mesmo tendo, é claro, os seus preferidos” (FETH, 1996, p. 06).

Com sensibilidade e paciência, ele organizava numa caixa cada tipo de pensamento. Depois de deixar todos descansarem, ele os levava para os canteiros onde os plantava e no amanhecer seguinte contemplava o desabrochar das flores do pensamento. O vento do alvorecer levava os pensamentos pelo ar para que mais tarde fossem novamente recolhidos, como novos, pelo catador de pensamentos. Diante desta narrativa, podemos compreender que cada novo pensamento pode ser associado a uma nova história. Histórias e pensamentos que ganham vida todos os dias e que trazem novas representações para quem as ouve e para quem as lê e para quem as conta e para quem as escuta. São as histórias, os pensamentos e as ideias que mantêm vivos os leitores, as pessoas e o conhecimento.

O que são os jornais senão um amontoado de histórias que são, muitas vezes, descartadas diariamente? Naturalmente, umas melhor contadas que outras. Mas são histórias. E as histórias têm a força de mudar pensamentos, de construir pontes imaginárias que ligam um ser humano a outro, uma realidade a outra, um mundo a outro. O jornal se mostra como um meio de semear, de divulgar, de gerar novos pensamentos.

Um jornalista trabalha semelhante ao senhor Rabuja, que tem a missão diária de recolher e semear pensamentos. Missão de levar, por meio do jornal impresso, novas ideias, pensamentos e fazê-los desabrochar na mente do leitor. Essa pode ser a maneira do senhor Rabuja, de um jornalista ou de um professor fazer brotar na mente e no coração das pessoas uma nova maneira de ver a realidade, de se relacionar e reconstruir o universo que cabe em um dia. Compreendo (guardadas as devidas proporções) que, por meio do jornal, o jornalista recolhe e lança todos os dias novas sementes. Não apenas sementes boas – é verdade, mas sementes que podem gerar bons frutos a partir da reflexão, da compreensão da realidade e da percepção do outro. Se, por um lado, o jornal impresso traz alguns dados que nos assombram, por outro lado, também traz

muitos outros que nos comovem, que nos sensibilizam, que nos fazem perceber a realidade para melhor nos situar nela. As histórias de um jornal são capazes promover essas transformações.

Penso que o jornalista é também um catador de pensamentos: recolhe todos os dias os pensamentos, insere-os no tear das narrativas e transforma-os em histórias reais. E, como no livro, semeia em cada novo amanhecer por meio das páginas dos jornais impressos. E, como o senhor Rabuja, o jornalista volta às ruas e colhe novos pensamentos, conhece novas pessoas e semeia novas histórias. Histórias que vão chegar a diferentes leitores e tocar corações e mentes distintas em cada nova edição. Em cada novo dia, iniciando e reiniciando o ciclo da construção do conhecimento por meio dos estudantes que são como as pessoas que recebiam os novos pensamentos do senhor Rabuja.

Assim como um jornalista e como o senhor Rabuja, um professor, escolhendo bem os pensamentos, pode usar a sala de aula como um canteiro no qual serão cultivados novos pensamentos e fazê-los transformarem-se nas flores do amanhã, num novo conhecimento, conhecimento poético da realidade, entendendo, aqui, poesia no sentido etimológico: *poesis*, que quer dizer criação. Sendo bem utilizado em sala de aula, o jornal impresso pode se tornar esse estimulador de novos pensamentos e reflexões.

Essas mudanças e transformações não se restringem ao universo das fábulas, contos e ficções da literatura. Elas também estão na prosa do mundo real que é retratada pelo cinema. Por exemplo, o filme *Os fantásticos livros voadores do senhor Morris Lessmore* (2011) – vencedor do Oscar de melhor curta-metragem de animação, com roteiro de William Joyce, direção de William Joyce e Brandon Oldenburg – nos leva a uma viagem surpreendente. O filme não tem diálogos. Conta a história de uma cidade destruída por um furacão, mas que tem nos livros a possibilidade de resgate. O curta traz a trajetória do *Senhor Morris*, que sobrevive ao desastre natural e é levado, por um livro voador, a uma casa antiga, colorida e com uma farta biblioteca. Os livros ganham vida na medida em que são lidos. A vivacidade e a cor das histórias se espalham e fazem renascer a cidade outrora destruída. Uma lição de amor, de memória e de como a leitura pode dar vida às coisas, transformar e resgatar pessoas.

Esse ‘curta’ não deixa de ser uma crítica à nossa sociedade das “tecnologias inteligentes” que afasta o ser humano da leitura e reflexão das grandes obras; crítica à sociedade que não estimula as pessoas a serem leitoras, a ver na leitura a possibilidade

de viagens imaginárias necessárias à aprendizagem e ao conhecimento. Não deixa de ser também uma crítica a essa realidade que se abastece de muitas informações, mas que não sabe transformá-las em conhecimentos, uma sociedade que colhe informações e perde os conhecimentos que delas poderiam vir. Era essa a preocupação do poeta e escritor Eliot quando dizia “onde está o conhecimento que perdemos na informação?” (apud MORIN, 2000, p. 16). Como Edgar Morin esclarece, as informações constituem parcelas dispersas de saber. O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto delas (MORIN, 2000, p. 16). Penso que não apenas os livros e o cinema podem fazer isso, mas o jornal também pode ser usado para esse fim. As experiências que nos tocam intimamente nos estimulam à reflexão e à formação de valores.

Apesar de apresentar um formato antiquado para os modelos de comunicação com foco nas novas tecnologias e virtualização do conhecimento, minhas experiências com o jornal impresso, aliadas às observações sobre as práticas de leituras do jornal me incitaram a pensar que o jornal pode atuar como uma fonte geradora de discussões, como um meio de estimular a imaginação, a curiosidade cognitiva do aluno e a capacidade de reflexão e conhecimento.

Entendo que, à semelhança do “senhor Rabuja”, que cata pensamentos e os transforma em novas idéias, sabedoria e poesia, o jornal impresso – se trabalhado adequadamente em sala de aula – pode se transformar em um meio de transmitir não somente informações, mas também um caminho para gerar conhecimento sobre a realidade, sobre a vida, sobre o próprio ser.

Como já dissemos, cada jornal desenvolve sua própria metodologia de trabalho de acordo com as particularidades de cada cidade. Mas, de maneira geral, respeitando os princípios norteadores do *Programa Jornal e Educação*, que são a formação de novos leitores e cidadãos mais críticos, democratizando o acesso às informações do cotidiano, para que cada um possa se posicionar sobre elas e fazer suas escolhas em prol de uma sociedade melhor. Ancorado nas reflexões de Tomás Eloy Martínez, poderíamos dizer que o jornal não é um circo para exibição de imagens, ideias e informações, mas um instrumento para pensar, para criar, para ajudar o homem no seu eterno combate por uma vida digna e menos injusta (MARTÍNEZ, 2004, p. 228). Um jornal não deve servir apenas para distrair o leitor e sim como um meio de levar informações precisas e preciosas e, se pedagogicamente bem usado, um meio de elevar a capacidade reflexiva e crítica do leitor, do aluno.

Os jornais trazem uma diversidade de temas, discursos, imagens e narrativas que, muitas vezes, seduzem os alunos mais do que muitos livros didáticos e científicos. Durante essa pesquisa, percebi não somente o interesse, mas o envolvimento e a dedicação dos alunos contemplados nesse Programa. Muitas vezes, vi alunos trocarem a leitura do livro pela leitura do jornal impresso, alunos que deixavam de brincar na hora do recreio para fixarem seu olhar na imobilidade das palavras e imagens impressas no jornal. A leitura do jornal era mais importante do que a diversão. Ou a diversão não proporcionava as descobertas, aventuras imaginárias e envolvimento com a realidade como as letras fixas nas páginas do jornal. Uma coisa é notória: o jornal impresso estava funcionando como o estimulador da curiosidade, do pensamento, um despertador da imaginação.

As manchetes, as informações, fotografias do jornal impresso podem ser um meio de fazer o aluno “pensar por imagens”, como diria Italo Calvino. Pode ser um meio pedagógico de se exercitar uma **pedagogia da imaginação**, como queria Calvino, ou seja, algo que “habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair num confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem numa forma bem definida, memorável, auto-suficiente, ‘icástica’” (CALVINO *apud* SALTO PARA O FUTURO, 1998, p. 23).

É nesse contexto educacional que Calvino nos chama a atenção para o fato de que a imaginação está presente em todas as épocas e culturas, destinada a produzir encantamento, por um lado, e fazer surgir o objeto do desejo para assim possuí-lo (IVAS; FELDMAN, 1998, p. 25). No entendimento desse pensador, a imaginação confere à alma possibilidades variadas, pois a alma nunca pensa sem uma imagem. A imaginação seria, assim, um fenômeno da condição humana e uma ponte indispensável entre a sensibilidade e o entendimento. Mais do que isso: “A imaginação faz parte dos nossos atos de consciência” (IVAS; FELDMAN, 1998 p. 26).

Uma pedagogia da imaginação trabalharia, assim, com a criatividade, com as projeções imaginárias, exercitaria as imagens mentais dos alunos como espaços transicionais, onde tudo é possível, mas onde só algumas coisas são viáveis (idem, p. 27).

A imaginação e a fantasia estimuladas e presentes no espaço escolar poderia ser proporcionadora de grandes mudanças, pois, como afirma Rodari, “para mudar a sociedade são necessários homens criativos que saibam usar sua imaginação (...)”

desenvolvam a criatividade de todos para mudar o mundo” (*apud* DELORME, 1998, p.45).

Ao usar o jornal impresso em sala de aula, um professor bem preparado pode fazer do espaço de sala de aula um ambiente real onde o aluno pode encontrar uma educação ou uma ciência que trata da vida como ela é, cotidianamente.

É bom ressaltar que são sempre ambíguas as possibilidades do leitor diante das páginas impressas do jornal em sala de aula, porque, como disse Delorme (1998, p. 42), “a vida cotidiana nem sempre é generosa em metáforas nem, tampouco, esbanja suavidade”. Se, por um lado, o aluno pode se identificar com o que lê e vê no jornal e, com isso, ficar acomodado, desencantado com o mundo, por outro lado, ele pode perceber nas páginas do jornal um destino que não quer para seu futuro e buscar as metáforas e a suavidade necessárias para fazer da prosa do mundo uma poesia para sua vida diária. E isso não deixa de ser um despertar cognitivo, subjetivo e existencial para o mundo e para o conhecimento.

A leitura e compreensão adequada (seja dos livros ou do jornal) podem fazer o sujeito renascer para a importância da aprendizagem e da descoberta de valores humanos e, com isso, uma nova sociedade acordar para o conhecimento, como acontece no curta *Os fantásticos livros voadores do senhor Morris Lessmore*. Naturalmente, não podemos pensar numa mudança catastrófica como a narrada no curta-metragem, mas é possível acreditar em uma transformação gradativa a partir de experiências como a que pesquisamos.

Em um mundo cada vez mais competitivo, rápido, técnico e múltiplo, onde as escolas preparam seus alunos para o mercado de trabalho, o foco da educação se volta para as profissionalizações e para as especialidades fragmentadas. Um ensino predominantemente tecnicista e fragmentado que atende às necessidades das empresas, dos concursos e do ingresso nas universidades. O educador Krishnamurti (1993) tem razão ao criticar esse modelo de educação dizendo que,

Quando educamos nossos filhos de acordo com um sistema de pensamento ou uma determinada disciplina, quando os ensinamos a pensar ‘especializadamente’, impedimos que eles se tornem homens e mulheres integrados, e por isso são incapazes de pensar inteligentemente, isto é, de encarar a vida de modo global (KRISHNAMURTI, 1993, p. 23).

E enfatiza: “Enquanto a educação se fundar em princípios rígidos, poderá produzir homens e mulheres proficientes, mas nunca formará entes humanos criadores” (KRISHNAMURTI, 1993, p. 22).

A realidade cotidiana nos mostra exemplos do que falou Krishnamurti. Percebemos facilmente escolas que formam profissionais altamente qualificados no campo técnico, no entanto, não discutem nem ensinam o conhecimento da condição e da vida humana, como iremos discutir posteriormente. Morin (2006) faz uma crítica a esse modelo. Citando Durkheim, Morin afirma:

O objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida (MORIN, 2006, p. 47).

É perceptível na educação um distanciamento dessas questões. Muitas vezes, os livros são trabalhados como fontes de consultas ou de informações mais elaboradas e não como fonte de conhecimento profundo e reflexão, como acontece com o senhor *Morris Lessmore* e seus livros voadores. Percebemos alunos que passam horas dedicados a aprender fórmulas matemáticas; que descrevem com habilidade o funcionamento de circuitos eletrônicos avançados; que discorrem sobre a trajetória de sucesso de grandes empreendedores, mas que são incapazes de enxergar o outro que está a seu lado. Não percebem a si mesmos e não conseguem ver o ser humano ao seu lado. Não enxergam o próximo. Como disse Fonseca e Enéas (2011, p.11):

faltam-nos (na escola) conhecimentos sobre quem nós somos e, com isso, o exercício de aprender a *viver com o outro* se torna quase uma utopia. Não se discute a vida, os valores, as paixões, as crenças, a esperança, os prazeres e a alegria de se estar com o outro. As questões dessa frágil e fugaz existência humana são relegadas ao silêncio.

Não estou aqui sendo cirúrgico na minha afirmação. Nem generalizando a formação dos sujeitos no campo escolar. A realidade descrita acima é facilmente constatada em uma parte representativa dos jovens estudantes, com os quais convivi durante esta pesquisa. Crianças e adolescentes cada vez mais conectados e menos

integrados. Jovens que compartilham sentimentos virtuais e se afastam da natureza física da subjetividade que move os corações e alinhava as pessoas no mundo real.

Diante dessas impressões, ao observar o programa *Ler para saber mais*, desenvolvido pelo Jornal Gazeta do Oeste, de Mossoró-RN, percebi que o uso adequado do jornal impresso pode ser uma alternativa a essa cultura pedagógica fragmentada, programática e especialista e que poderíamos, por meio dele, refletir sobre a cidadania e a condição humana.

CAPÍTULO TRÊS

*“Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca,
um inventário de objetos, uma amostragem de estilos,
onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado
de todas as maneiras possíveis”. Ítalo Calvino*

3. EDUCAÇÃO, CIDADANIA E CONDIÇÃO HUMANA

Fala-se muito sobre educação nos dias atuais. Levanta-se bandeiras por um ensino de qualidade que forme cidadãos e prepare as pessoas para o mundo competitivo do trabalho. Governos, pesquisadores, professores e a própria população enfatizam que a educação escolar é umas das principais fontes para o avanço social. Siglas como LDB, IDEB, ENEM, ENADE, SISU, PARFOR, entre tantas outras, são utilizadas por gestores e estatísticos para medir a qualidade da educação ou o desempenho dos estudantes, aqui no Brasil. O acesso à educação tem sido visto como um meio de construção ou exercício da cidadania.

Compreendo que essas medições quantitativas – que sugerem uma avaliação qualitativa – não se aproximam de um entendimento real do que é hoje a educação no Brasil e em particular no Rio Grande do Norte. A ideia de qualidade na educação é muito volátil. Embora muito se discuta esse conceito e se utilize programas, fórmulas e cálculos, em diferentes esferas dos sistemas de ensino público e privado, para aferir os resultados do ensino, não penso que todas as siglas desse universo comportem a subjetividade e as particularidades da educação em sua totalidade.

Desde muito cedo, os estudantes são avaliados. Aos sete anos, muitos sem saber sequer ler e escrever adequadamente, já são submetidos à *Provinha Brasil*. E assim (de exame em exame) acontece durante toda a vida acadêmica, até o ensino superior. Mas será que a partir de análises tão protocolares e cartesianas é possível medir a qualidade do ensino e da aprendizagem e se caminhar para uma educação ideal?

É importante fazer um registro conceitual e histórico da cidadania. Segundo Rezende Filho e Câmara Neto, no artigo *A evolução do conceito de cidadania*, o termo cidadania tem origem entre os séculos VIII e VII antes de Cristo. A expressão está relacionada ao desenvolvimento das antigas cidades gregas e carrega no significado o sentido de vida em sociedade. Em um breve resgate histórico, os autores percorrem diferentes épocas e apontam transformações e, por que não dizer, evoluções no conceito e na prática da cidadania. Esse resgate nos guia até a modernidade e à percepção contemporânea desta cidadania – que remete à condição de igualdade civil e política.

De acordo com Rezende Filho e Câmara Neto (2001), é uma difícil missão precisar datas para o surgimento do conceito. No entanto, é simples associar cidadania à ideia de participação política. A expressão política, em sua etimologia, já traz referências a esta compreensão de cidadania, que é uma expressão de origem grega e representa tudo o que diz respeito à cidade. Quer dizer pólis, que é igual a cidade, vida em comum. A partir desta explicação etimológica, podemos compreender que política e cidadania têm uma relação próxima e de alguma maneira se complementam e vem se complementando desde a primeira noção do conceito até aos tempos atuais.

O fato de se complementarem não quer dizer que sempre andaram em sintonia. Cardoso (*apud* Rezende Filho e Câmara Neto, 2001), afirma que a evolução das pólis gregas contribuiu para a distorção do conceito de cidadania. Àquela época, a cidadania passou a ser confundida com o conceito de naturalidade. Era considerado ‘cidadão’ todo aquele que tivesse nascido em terras gregas. Assim o fosse, este cidadão poderia usufruir todos os direitos políticos. Essa perspectiva acabava por segmentar os sujeitos e distanciá-los de acordo com sua naturalidade. Os estrangeiros, lembram os autores, eram proibidos de ocuparem-se da política e podiam apenas dedicar-se a atividades comerciais.

Segundo Rezende Filho e Câmara Neto, “com o passar do tempo, operou-se uma redistribuição do poder político. Aceitou-se o ingresso de estrangeiros na categoria de cidadão” (2001). Durante séculos, o exercício da cidadania foi associado à participação política dos indivíduos, ou mesmo ao direito de participar. Esta compreensão só veio apresentar as primeiras mudanças no período do Iluminismo, que representou uma espécie de época de transição. Revoluções sociais, religiosas, avanço da ciência, ebulição no mundo das artes e o crescimento do ideal de liberdade ditaram o ritmo da tentativa de construção de uma sociedade com mais justiça e igualdade.

No atual cenário social e político, o conceito de cidadania ainda encontra abrigo lá nas antigas cidades gregas, mas se reveste de uma nova condição. A ideia de cidadania situa-se no relacionamento entre uma sociedade política e seus membros. Para Rezende Filho e Câmara Neto, um cidadão deve atuar em benefício da sociedade, bem como esta última deve garantir-lhe os direitos básicos à vida, como moradia, alimentação, educação, saúde, entre outros (2001). Nessa conjuntura é que pensamos que a educação que se propõe educar para a cidadania deve compreender o humano que vem antes do cidadão.

Por vezes, resumimos o saber e a aprendizagem ao espaço ainda fechado que são a escola e a sala de aula. Mas nossa pesquisa e experiências têm mostrado que a educação acontece em muitos lugares. A escola é apenas um espaço em que o saber é organizado pragmaticamente para facilitar a aquisição de conhecimentos de uma comunidade. A escola é apenas um dos inúmeros espaços onde a educação acontece.

Em seu livro *O que é educação*, Brandão (2002) traz discussões interessantes sobre os lugares onde a educação acontece, sobre o ensino escolar e sobre as pessoas que praticam a educação. Nas palavras de Brandão, “ninguém escapa da educação” (2002). O autor afirma que a educação é uma prática social – como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar – cujo fim é o desenvolvimento do que, na pessoa humana, pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento.

Quanto à pesquisa, destacamos que a experiência nos permitiu acompanhar o envolvimento dos estudantes com o jornal em diferentes atividades. Os primeiros passos no processo de leitura do jornal impresso em sala de aula foram tímidos. As descobertas levaram os alunos a novos horizontes. Conduziram-lhes por caminhos que não são apresentados nos conteúdos programáticos das aulas convencionais.

De que falamos quando mencionamos o termo educação? Podemos falar em um modelo de educação ideal? Em que consiste a importância da educação? Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2002), não há uma forma única nem um único modelo de educação. Em suas palavras,

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida (BRANDÃO, 2002, p. 7).

Brandão afirma que quando são necessários guerreiros ou burocratas, a educação é um dos meios de que os homens lançam mão para criar o que necessita. Ela ajuda a pensar tipos de pessoas e a construí-los também. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, uns passam para os outros os saberes que os constituem e legitimam. Mais ainda, a

educação participa do processo de produção de crenças e ideias, envolve trocas simbólicas, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades, relações políticas, culturais e tipos humanos. E esta é a sua força.

De acordo com o autor, a educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera ou sempre se diz que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor. “Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz” (BRANDÃO, 2002, p. 20).

A educação não está confinada aos muros da escola ou as paredes de salas de aulas tradicionais. Brandão (2002) afirma que a educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Nesse sentido, o autor reitera que os gregos ensinam o que hoje esquecemos.

A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer (BRANDÃO, 2002, p. 21).

Brandão (2002) lembra que o ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia, ou seja, a teoria da educação cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor. A ideia de que a educação não serve apenas à sociedade, ou à pessoa na sociedade, mas à mudança social e à formação consequente de sujeitos e agentes na/da mudança social, pode não estar escrita de maneira direta nas "leis do ensino". Mas as suas consequências podem aparecer indiretamente.

Se a educação é determinada fora do poder de controle comunitário dos seus praticantes, educandos e educadores diretos, por que participar dela, da educação que existe no sistema escolar criado e controlado por um sistema político dominante? A resposta mais simples é: *porque a educação é inevitável*. Uma outra, melhor seria: *porque a educação sobrevive aos sistemas*. Uma outra ainda poderia ser: *porque a educação existe de mais modos do que se pensa e, aqui mesmo, alguns deles podem*

servir ao trabalho de construir um outro tipo de mundo. É necessário então reinventar a educação?

"Reinventar a educação" é uma expressão que foi muito usada por Paulo Freire. Penso que o mais importante nesta palavra, "reinventar", é a ideia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser, mais adiante, refeita de outro, diferente, diverso, até oposto. Freire desmistifica algumas ideias reinantes no cotidiano, tais como 'a realidade é assim mesmo, que podemos fazer' ou 'o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século', ideias que expressam a imobilidade do sujeito e um certo determinismo social. Freire reconhecia que somos seres condicionados, mas não determinados, que a História é tempo e possibilidade, que o futuro é problemático, mas não inexorável (1996, p. 21). O homem e a realidade se constroem e se reconstroem, recursivamente. Muitas vezes, um dos esforços mais persistentes em Paulo Freire é um dos menos lembrados.

Ao fazer a crítica da educação capitalista, que ora chamou também de "educação bancária", Freire (1996) sempre quis desarmá-la da ideia de que ela – a educação – é maior do que o homem. Esse pensador e educador traz duas grandes contribuições. Uma: mostra que educação é um processo que ocorre para além dos muros. Duas: que a educação deve levar em consideração as condições do meio e a condição humana do sujeito. Nesse aspecto, Freire está muito próximo de Edgar Morin.

Morin (2006) ratifica a necessidade de se repensar a reforma e reformar o pensamento. Em momentos distintos, os dois autores apontaram uma mesma necessidade para se pensar a educação. Reinventar, repensar, reformar. Expressões que se complementam.

A perspectiva da educação capitalista, tecnicista, especializada, bancária contribui para o aprendizado ao passo que dinamiza as informações e tornam mais atrativos os conteúdos. No entanto, por si só, conteúdos não são capazes de formar cidadãos, de construir o caráter, nem tampouco de despertar nos estudantes a capacidade de refletir e produzir conhecimento, de fazê-los pensar em sua condição humana. Freire coaduna ainda o pensamento de Edgar Morin quando destaca a condição humana como um caminho necessário a ser percorrido pela Educação. Segundo ele, "a educação do futuro deverá ser também o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana".

Brandão, que traz o termo recriar, também dialoga com os dois autores. Ele discute e corrige a visão estreita de que a educação se confunde com a escolarização e se encontra só no que é "formal", "oficial", "programado", "técnico", "tecnocrático". "Se

em algumas páginas falei dela como um entre outros instrumentos de desigualdade e alienação, em outras imaginei-a como uma aventura humana” (2002, p. 50). O autor conclui:

Mas, assim como a vida é maior que a forma, a educação é maior que o controle formal sobre a educação. Por toda parte as classes subalternas aprenderam a criar e recriar uma cultura de classe também formas próprias de educação do povo. O que existe na verdade nas comunidades de subalternos é a preservação de tipos de saber comunitários e de meios comunitários de sua transferência de uma geração para outra (BRANDÃO, 2002, p. 50).

Segundo Paulo Freire, essa é a esperança da educação: acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola, quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo. É preciso despertar da ilusão de que todos os seus avanços e melhoras dependem apenas de seu desenvolvimento tecnológico.

Essa visão abraça a idéia contemporânea de Cidadania. Cidadãos conscientes na perspectiva política. Cidadãos na busca pela consciência da condição humana. É estimulador – enquanto pesquisador que busca compreensões partindo da perspectiva complexa – perceber que autores como Morin, Freire, Krishnamurt, Maturana defendem que a reforma na educação passa por uma compreensão da condição humana.

3.1 Compreendendo a condição humana

Na tentativa de compreender a condição humana, encontramos apoio na perspectiva complexa de Morin. Complexidade no entendimento de algo que é tecido junto. Construído na reunião de diferentes elementos. O pensamento de educar para a condição humana não pode se compartimentalizar. Requer dos educadores, como diz Morin, um remembramento dos conhecimentos. Para a educação do futuro, é necessário promover um grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais e dos conhecimentos derivados das ciências humanas.

No caminho em busca dessa compreensão da qual falei acima, deparamo-nos com percursos escorregadios. Os autores com os quais dialogamos não trazem conceitos

e nos apresentam trilhas que abrem um universo complexo sobre essa temática. Muitos autores já tematizaram essa questão, mas aqui irei dialogar com Morin e Krishnamurti, autores que trazem essa discussão da condição humana como um desafio para a educação desse novo milênio. Essa percepção, de certo modo, nos traz um maior conforto cognitivo porque não vai de encontro aos posicionamentos dos dois autores.

Morin (2006), em *A cabeça bem-feita*, afirma que o estudo da condição humana não depende apenas do ponto de vista das ciências humanas. Não depende apenas da reflexão biológica e das descrições literárias. Depende também das ciências naturais. Essa afirmação nos coloca diante das questões que envolvem a subjetividade, tendo em vista que a subjetividade integra em grande parte o que nós somos e constrói o entendimento sobre o que é a condição humana.

A origem etimológica da palavra “humano” não consegue traduzir a dimensão do que é realmente ser humano. A palavra tem origem do latim *humanus* e faz referência a tudo o que relativo ao homem enquanto espécie. Ora, a definição por si só já limita. O que é definido não tem extensão. Não pode ser maior, nem menor. Está posto. O humano não é assim. A condição do humano não é uma só para todos os exemplares dessa espécie. Morin traz considerações que nos apresentam a uma dimensão bem superlativa do que pode ser, tradicionalmente, compreendido da condição humana:

O ser humano, ao mesmo tempo natural e supranatural, deve ser pesquisado na natureza viça e física, mas emerge e distingue-se dela pela cultura, pensamento e consciência. Tudo isso nos coloca diante do caráter duplo e complexo do que é o humano: a humanidade não se reduz absolutamente à animalidade, mas, sem animalidade, não há humanidade (MORIN, 2006. p.40).

O pensamento de educar para a condição humana não pode se compartimentalizar. Mais do que isso: parece impossível ensinar a condição humana a partir de uma mente escolarizada e curricularizada que vê, unicamente, disciplinas e créditos em todos os lugares (BATALLOSO, 2012, p. 151). Requer dos educadores, como diz Morin, um remembramento dos conhecimentos.

Para a educação do futuro é necessário promover um grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo; dos conhecimentos

derivados das Ciências Humanas, para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas (MORIN, 2011. p. 44).

É comum ver nas escolas estudantes que recorrem aos livros (quando não ao *Google*⁶) apenas para encontrar respostas pontuais acerca de questões que não conseguem responder imediatamente. Informações efêmeras que não se transformam em conhecimento porque não há tempo para ruminar as descobertas, contextualizar com diferentes realidades e permitir que as informações produzam reflexões acerca da sociedade em que vivemos, acerca do outro e de nós mesmos.

Questionamos se podemos falar em uma educação ideal. Discutimos seus fins, validade e contribuições para a formação humana em um sentido amplo, inclusive no contexto da cidadania. O jornal impresso é uma ferramenta que permite que isso aconteça. O jornal traz aspectos que integram os conceitos de cidadania que apresentamos anteriormente. E o jornal pode contrubuir para diálogos que saiam dos padrões cartesianos e estimular uma cidadania desenvolvida com raízes na condição humana.

Krishnamurti (1993), em seu livro *A educação e o significado da vida* afirma: a educação convencional dificulta o pensar independente e a padronização do homem conduz a mediocridade. O autor reflete:

Se a vida tem um significado mais alto e amplo, que valor tem nossa educação se nunca descobrimos esse significado? Podemos ser superiormente cultos; se nos falta, porém, a profunda integração do pensamento e do sentimento, nossas vidas são incompletas, contraditórias e cheias de temores torturantes; e, enquanto a educação não abranger o sentido integral da vida, bem pouco significará. (KRISHNAMURTI, 1993, p. 09).

Para Krishnamurti, a educação não significa, apenas, adquirir conhecimentos, coligir e correlacionar fatos; “é compreender o significado da vida como um todo. Mas o todo não pode ser alcançado pela parte – como estão tentando fazer os governos, as religiões organizadas e os partidos autoritários” (1993, p. 12). Assim, segundo o autor, a educação, no sentido genuíno, é a compreensão de si mesmo, pelo indivíduo, porque é

⁶ Empresa multinacional norte-americana que surgiu em 1996 a partir de um projeto de pesquisa dos engenheiros de computação Larry Page e Sergey Brin, quando ambos eram estudantes de doutorado na Universidade Stanford, na Califórnia, Estados Unidos. Atualmente, a empresa detém o maior site de buscas do mundo.

de dentro de cada um que se concentra a totalidade da existência. “O que atualmente chamamos educação é um processo consistente em acumular informações e conhecimentos, tirados dos livros, e isso qualquer um que saiba ler pode conseguir” (KRISHNAMURTI, p.15).

Para o autor, a mais alta função da educação consiste em produzir um indivíduo integrado, capaz de entrar em relação com a vida como um todo. Outra finalidade da educação é a de criar novos valores. “Inculcar, simplesmente na mente da criança os valores prevalecentes, fazê-la ajustar-se a ideais, é condicioná-la, sem despertar-lhe a inteligência” (KRISHNAMURTI, 1993, p. 23).

Segundo Krishnamurti (1993), o que atualmente chamamos de educação é um processo consistente em acumular conhecimentos tirados dos livros. E isso qualquer um pode fazer. Essa busca por estratégias pedagógicas com o olhar voltado para a subjetividade vai de encontro às práticas tradicionalistas e cartesianas que limitam a percepção do indivíduo enquanto humano e a aprendizagem dos sentidos.

Dentro da perspectiva da “educação e cidadania”, entendemos que educar para a condição humana é um caminho para o conhecimento, a consciência do sujeito e a construção da cidadania. Esta, não no sentido singular de um cidadão legitimado pelo caráter político e institucional da cidade, mas no sentido plural de um cidadão que é, antes de um integrante de um sistema, um ser humano formado, e em formação, por processos culturais, sociais, sensoriais e humanísticos. É papel da educação contribuir para a construção do sujeito enquanto cidadão. Na conjuntura atual da formação – onde o foco está mais voltado para o tecnicismo, para a profissionalização, para o mercado - educar para a condição humana é uma alternativa para formar cidadãos mais conscientes da sua própria condição de humano e, por isso, mais capazes de viver com o outro.

É uma possibilidade que se apresenta como caminho para que estes cidadãos sejam humanos conscientes e para que estes humanos sejam cidadãos conscientes. Diante disso, a ideia de educar para a condição humana e buscar estratégias em sala de aula para isso se mostra como uma via de construção da cidadania.

Essa compreensão de cidadania e condição humana, muitas vezes, se perde nesse caminho virtual da internet, informações compartimentalizadas, tecnicização e profissionalização do ser humano, de pouca reflexão e autoentendimento. Como disse Batalloso, já não nos bastam inversões, melhores recursos, reformas mais ajustadas e adequadas ao mercado de trabalho ou formas mais eficazes de ensinar e aprender. Os problemas atuais da educação já não são de natureza quantitativa e programática, mas

de natureza qualitativa e paradigmática. Portanto, para esse autor, ensinar a condição humana não é possível por meio do processo de transmissão, nem sequer por meio de condutas testemunhais, mas, sim, por meio de um processo de autoaprendizagem, de compromisso e de experiência vitais em relação a tudo aquilo que forma parte de nossa complexa e contraditória natureza. Não podemos entender o ensino/aprendizagem sem o reconhecimento do outro em seu legítimo outro, sem o surgimento e o desenvolvimento de processos afetivos e amorosos que são, ao mesmo tempo, dialógico, interativo e auto-eco-organizador (BATALLOSO, 2012, p. 152).

Para conseguirmos isso, é preciso desenvolver estratégias em sala de aula para ensinar satisfatoriamente a condição humana que requer exercícios que desenvolvam novas aprendizagens, autoconsciência, consciência, sensibilidade e criatividade. É um processo permanente de construção/desconstrução/reconstrução, de criação/recriação constante de nossa própria humanidade. Talvez uma via de construção seja, como sugere Martínez, pôr-nos a pensar juntos, pôr-nos a narrar juntos mais uma narrativa de vida e de conhecimento, pôr-nos a renovar também as utopias que agora estão se apagando no cansado coração dos homens (MARTÍNEZ, 2012, p. 234).

CAPÍTULO QUATRO

*“(...) que a importância de uma coisa não se mede com
fita métrica nem com balanças nem barômetros.
Que a importância de uma coisa há que ser medida
pelo encantamento que a coisa produza em nós”.*
Manoel de Barros

*“O amor é algo único, como uma tapeçaria com
fios extremamente diversos, de origens diferentes.
Por trás de um único e evidente ‘eu te amo’
há uma multiplicidade de componentes.
E é justamente a associação desses componentes
que faz a coerência do ‘eu te amo’”*
Edgar Morin

4. O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO

Era uma manhã de quarta-feira do mês de março de 2012. Cheguei ainda tímido para o primeiro contato – enquanto pesquisador – com os alunos e professores que integram o programa *Ler Para Saber mais*, em Mossoró e região. A Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte foi o cenário deste encontro inicial. Anteriormente, já havia conversado com o coordenador do programa, professor Marcos Antonio, e ele mostrara-se receptivo à ideia da pesquisa. Reunidos no auditório da biblioteca, estavam dez professoras e vinte e cinco alunos, além da coordenação do programa *Ler para saber mais*.

A presença de todos foi possível porque, como parte da metodologia da pesquisa, desenvolvi uma oficina de jornalismo impresso. O objetivo da oficina era capacitar os docentes e discentes para a produção de um jornal impresso nas escolas (duas escolas já produziam seus exemplares). Durante a oficina, pude observar o desempenho dos alunos nas leituras, vocabulário, interação com os colegas e familiaridade no trato com o jornal impresso. Foram dois dias de trabalhos no auditório da biblioteca. A oficina, com oito horas/aula, contemplou aspectos da história da imprensa escrita, história da fotografia, estrutura de um jornal impresso, etapas e profissionais que atuam na produção de um jornal, projeto gráfico e, por fim, discussões de caráter editorial.

Outra etapa embrionária deste trabalho ocorreu em um momento específico com os professores. Em consonância com a coordenação do programa *Ler para saber mais*, realizamos uma nova oficina sobre o jornalismo impresso, desta vez voltada somente para os docentes que atuam nas vinte escolas que desenvolveram o programa no ano de 2012. Foram 25 professores e uma dezena de supervisores de escolas públicas da rede municipal de Mossoró e municípios vizinhos, como Baraúna e Governador Dix-sept Rosado, no estado do Rio Grande do Norte.

As oficinas proporcionaram a aproximação com professores e estudantes, e forneceram elementos importantes para a definição dos sujeitos a serem pesquisados, bem como a escola que seria *locus* do estudo desta dissertação. Com base no tempo de realização do programa na escola, no envolvimento do corpo docente, discente e da coordenação da escola, o Colégio Municipal Antonio da Graça Machado, em Mossoró, foi escolhido. Na referida escola, no ano de 2012, quatorze turmas, totalizando 350

alunos, trabalhavam o jornal impresso em sala de aula. A partir da definição, estabeleci um cronograma de pesquisa e as estratégias metodológicas a serem utilizadas, sempre fundamentadas na perspectiva do pensamento complexo.



Imagem 1: Atividades em sala de aula, do 5º ano, na Escola Municipal Antonio da Graça Machado, em Mossoró. Ao fundo no tripé, a câmera de vídeo registra todos os momentos vivenciados em sala de aula. **Fonte:** Arquivo do autor.



Imagem 2: Atividades em sala, do 5º ano, da Escola Municipal Antonio da Graça Machado. Alunos observam explicação da professora acerca da atividade com edição do Jornal Gazeta do Oeste. **Fonte:** Arquivo pessoal do autor.



Imagem 3: Registro de observação realizado na Escola Municipal Antonio da Graça Machado. Alunos do 5º ano em atividade que tinha como foco o caderno de classificados. **Fonte:** Arquivo do autor.



Imagem 4: Registro de observação realizado na Escola Municipal Antonio da Graça Machado. Alunos do 5º ano em atividade de perguntas e respostas sobre a discussão acerca da edição do dia.
Fonte: Arquivo do autor.



Imagem 5: Estudante faz a leitura em sala de aula da edição do dia do Jornal Gazeta do Oeste.
Fonte: Arquivo do autor.



Imagem 6: Oficina ministrada aos professores que atuam com o jornal impresso em sala de aula.

Fonte: Arquivo do autor.

Nas entrevistas e observações constatei que a utilização do jornal impresso durante as aulas tem proporcionado o aprimoramento do vocabulário, da escrita, da interpretação de textos e de conhecimentos gerais. Os professores usam essa estratégia pedagógica com essa finalidade e são capacitados para isso nos treinamentos oferecidos pela coordenação do programa *Ler para saber mais*. No entanto, logo nas primeiras observações, percebi que o trabalho com o jornal em sala de aula alcançava objetivos que não estavam propostos inicialmente no plano de aula dos docentes como, por exemplo, a aproximação e integração dos alunos que compõem a classe. A partir do uso didático do jornal em sala de aula, surgem comentários, discussões, ideias trocadas dentro e fora da sala de aula, relações que são construídas a partir de novos interesses, trabalhos escolares etc. Essa percepção inicial foi comprovada em outros momentos das entrevistas individuais.

Como destacamos no início desta dissertação, vamos apresentar os sujeitos desta pesquisa utilizando nome de flores. Cada uma carrega um significado⁷. Escolhemos doze espécies para identificar nossos personagens. Flor de Liz (honra e poder), Alecrim

⁷ Para escolher os nomes das flores que representam cada sujeito pesquisado, entrevistamos a professora Francisca Simões Cavalcanti, no dia 6 de março de 2013. Mestre em Botânica pela Universidade Federal do Ceará (UFC), ela nos auxiliou na construção de uma relação entre os personagens e os significados das flores.

(coragem), Tulipa (requinte), Girassol (felicidade), Violeta (prosperidade e nobreza), Amarilis (graça e elegância), Gardênia (doçura), Camomila (iniciativa), Flor de Lótus (pureza e espiritualidade), Cravo (talento), Lírio (inocência) e Dália (delicadeza).

As atividades que envolvem o jornal são realizadas em duplas ou em grupos de quatro alunos. Cada dois estudantes trabalham com um exemplar do jornal impresso. A divisão da edição do dia estimulou nos estudantes um sentido de partilha e de percepção do outro, como revelou a estudante Flor de Liz, de 10 anos, em depoimento registrado durante entrevista:

Como a gente lê em duplas, a gente se apegou mais aos colegas. A turma ficou muito mais amiga. A gente fica junto para ler e um acaba sempre ajudando o outro nas palavras que não sabe, espera para poder passar a página. Fica conhecendo mais o outro, sabe.

Percebemos, nesse depoimento, que é na relação com o outro que reconstruímos a nós mesmos, é com o outro que repensamos sobre nós e estruturamos nossa compreensão sobre o eu e o outro. Como diria Paulo Freire, é nesses momentos que o aluno se reconhece mais do que um ser no mundo. Ele se torna uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um ‘não-eu’, se reconhece como ‘si própria’ (FREIRE, 1996, p. 20). Essa leitura compartilhada, coletiva, gera compreensão, respeito mútuo e cria laços sociais.

A percepção do outro e a identificação das próprias limitações também foi reforçada por outros depoimentos em entrevistas. A estudante Tulipa, 11 anos, comentou as atividades. Ela afirmou: “a leitura em duplas é melhor. A gente fica sempre com um colega. Acaba mudando, conhecendo mais quem não falava com a gente. Respeita mais o próximo, né?”. O aluno Alecrim, 11 anos, ratifica esse entendimento ao afirmar que “lendo com o colega eu posso ajudá-lo e ele me ajuda”. O jornal se torna um meio facilitador da relação com o outro, um meio de se estabelecer diálogos entre grupos de alunos e destes com o professor. O jornal termina sendo um meio de religar saberes e sujeitos, fortalecendo relações, diálogos e a escuta do outro. Isso sugere, para nós educadores, que a leitura individual pode não ser a melhor forma de aprender em sala de aula. Sendo o espaço da coletividade, a sala de aula poderia se tornar o espaço da construção coletiva de relações, de aprendizagens e vivências diversas.

A relação de companheirismo que se estabelece permanece mesmo após o término das atividades, como complementou Alecrim. Segundo ele, “quando termina a

atividade, a gente devolve o jornal, a gente conversa mais, fica mais amigo. Começa a entender mais sobre as coisas e a conversar mais com os colegas”.

As afirmações dos estudantes durante as entrevistas corroboram com as percepções extraídas das observações das quais falei anteriormente. A relação com o outro aproxima cada um dos estudantes de uma relação consigo mesmo. O outro nos dá a dimensão de quem nós somos. Segundo Campbell (2011), não existe um ‘eu’ sem o ‘outro’. O autor sugere que não é possível ir ao encontro do outro sem antes ter um encontro consigo mesmo. Essa dimensão sensorial contida na subjetividade de uma atividade aparentemente prática (a leitura do jornal impresso em sala de aula) se mostrou uma viável alternativa complementar para fornecer elementos significativos para os jovens estudantes na construção de valores humanísticos como a amizade, o respeito, a solidariedade e a compreensão.

O estudante Girassol, 10 anos, afirmou que depois do início das atividades com o jornal em sala de aula “a turma ficou mais amiga e mais inteligente”. A professora Violeta, supervisora escolar, revela pontos positivos no comportamento dos estudantes. “Percebemos mais integração entre os alunos. Respeito, companheirismo. Uns fazem a leitura para os outros. Eles acabam se respeitando mais, compreendendo o tempo e as particularidades do colega”, disse. A amizade e o respeito são valores presentes nos depoimentos de alunos e professores. Talvez porque a carência individual e social desse elo afetivo (amizade) e desse valor (respeito) seja uma constante nos dias de hoje. É possível afirmar que esses alunos estejam falando ou tentando construir/viver o que tanto lhes falta.

Uma das observações da supervisora vai ao encontro do pensamento de Krishnamurti. Este educador destaca a integração como uma espécie de caminho para uma educação humanista. A integração é palavra chave do autor. Integração de saberes, de experiências, de pensamentos, de sentimentos. Enquanto isso não ocorre, produzimos grandes profissionais, mas pequenos seres humanos, diz ele. De forma mais enfática ele afirma: “a mais alta função da educação é criar entes humanos integrados e, por conseguinte, inteligentes” (KRISHNAMURTI, 1993, p.25).

Os depoimentos de alunos e professores nas entrevistas demonstraram que o jornal impresso em sala de aula permite o contato e a integração dos saberes de vida e a afetividade entre os sujeitos. Essa integração ultrapassa os muros da escola. Chega à comunidade, à família, aos amigos extraclasse. E assim, novas relações são criadas.

A professora Amarilis, há 23 anos atuando como docente e atualmente vice-diretora da Escola Antonio da Graça Machado, ratifica a compreensão da integração sugerida por Krishnamurti. Ela afirmou: “tem um reflexo fora daqui (escola). Eles comentam em casa com a família sobre as notícias que leram. Alguns pais – não todos – começam a se interessar também pela leitura porque percebem que podem se informar sobre os acontecimentos”. Segundo a vice-diretora declarou na entrevista, “no final da tarde, ao final dos trabalhos, alguns pais vêm aqui e pedem os jornais para levar para casa. Nós sempre arquivamos um exemplar e disponibilizamos os outros para os pais e alunos que querem levar para casa”. As informações, as narrativas, as imagens e os fatos trazidos pelo jornal impresso têm aproximado os pais da escola e dos alunos, acontecimento não previsto pelo programa inicialmente.

Durante a pesquisa, solicitei que os alunos escrevessem um texto sobre o jornal em sala de aula. A estudante Gardênia, 11 anos, escreveu “o jornal não é importante só para mim, mas para todos”. Mais à frente no texto ela destacou: “minha família também gosta do jornal. Eu levo o jornal para casa e leio com a minha família toda tarde e toda noite”. Os dois depoimentos em questão nesse parágrafo foram colhidos em dias diferentes e com recursos diferentes, mas revelam a dimensão subjetiva que a atividade aparentemente simples alcança. Mudou hábitos na escola e na comunidade, segundo a visão de uma professora com mais de 20 anos de atuação e de uma estudante do 5º ano no meio do caminho de sua vida escolar. Como num tear, as entrevistas e observações foram revelando fios que vinham de origens distintas, mas que se entrelaçavam na tessitura do conhecimento.

Flor de Liz, 10 anos, teve um olhar ainda mais aguçado sobre essa característica agregadora e integradora que a utilização do jornal na escola demonstrou ter. Segundo a estudante, o jornal não é bom apenas para os alunos, professores e familiares. “O jornal é muito bom para os outros funcionários da escola também, para saber mais sobre algo que é importante para eles”, disse referindo-se a informações sobre o bairro, saúde e política. À primeira vista é um fenômeno qualitativo, mas que revela uma imensa quantidade de interações, de interferências entre um número elevado de indivíduos. As informações, narrativas e acontecimentos contidos no jornal que chamam a atenção dos alunos vão se entrelaçando como acontece na construção de um tapete capaz de voar e os transportar para lugares dentro e fora de si mesmos. Sozinhos ou acompanhados, mas sempre revelando características humanas e integradoras.

As observações e entrevistas apontaram, ainda, caminhos que levaram a uma espécie de catalisador dos aspectos da condição humana. Uma ferramenta de auxílio na didática em sala de aula, mas que se mostrou um elemento significativo na construção de novas relações, reflexões sobre a condição humana dos alunos e no resgate de valores que sequer estavam sendo trabalhados. Crianças demonstrando mais respeito pelos colegas e professores. Professores mais interessados em dividir e produzir conhecimento, funcionários mais conscientes do que acontece no cotidiano da cidade. Familiares que tiveram oportunidade de receber informações em momentos de partilha e interação com os filhos. O mais curioso disso tudo é que o objetivo principal do trabalho com o jornal em sala de aula não era esse. Mas, sem ser notado dessa maneira, o veículo impresso fez nascer exemplos de humanidade e integração.

Além dos aspectos subjetivos que se destacam nas características da condição humana, a leitura do jornal impresso em sala de aula me apontou outras funções que fogem à ferramenta pedagógica que ajuda na melhora da escrita e do vocabulário. A leitura das reportagens que traduzem o cotidiano da cidade estabelece para os jovens alunos parâmetros de comportamento social.

A escola pesquisada está localizada em um bairro onde os índices de violência são elevados. Essa realidade é vivenciada de perto pelos estudantes. É uma nova voz que pode surgir na escola e fazer os alunos repensarem o próprio pensamento e verem com um novo olhar coisas que eles julgavam já conhecidas. Martínéz (2004, p. 232) nos fala sobre essa nova voz ao afirmar que,

Em sala de aula, o jornal impresso tem sido usado como uma outra voz por meio da qual a realidade chega até o aluno, um meio didático de fazer o aluno (re)pensar sua própria realidade, “de reconhecer as emoções e as tensões secretas da realidade, entender o ‘porquê’ e o ‘para que’ e o ‘como’ das coisas com o deslumbramento de quem as está vendo pela primeira vez”.

O jornal ratifica essa condição a partir de suas manchetes e fotografias, e desperta a curiosidade dos pequenos leitores. A curiosidade por sua vez, como já destacamos, gera interesse, e do interesse surgem os questionamentos, combustível para produzir conhecimento.



Imagem 7: Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 29 de agosto de 2013, destacando um 'apagão' na região Nordeste.
Fonte: Jornal Gazeta do Oeste.



Imagem 8: Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 25 de agosto de 2013, sobre rompimento político do DEM e PMDB.
Fonte: Jornal Gazeta do Oeste.



Imagem 9: Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 8 de agosto de 2013, destacando prisão de dupla de assaltantes.
Fonte: Jornal Gazeta do Oeste.



Imagem 10: Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 13 de agosto de 2013, destacando a violência em Mossoró.
Fonte: Jornal Gazeta do Oeste.



Imagem 11: Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 11 de agosto de 2013, destacando entrevista com Pedro Bandeira e ainda o Dia dos Pais. **Fonte:** Jornal Gazeta do Oeste.



Imagem 12: Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 10 de agosto de 2013, destacando greve dos servidores do Itep no RN. **Fonte:** Jornal Gazeta do Oeste.



Imagem 13: Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 14 de agosto de 2013, destacando as greves no estado do RN. **Fonte:** Jornal Gazeta do Oeste.



Imagem 14: Capa do Jornal Gazeta do Oeste (RN), do dia 14 de agosto de 2013, destacando os bastidores da Política em Mossoró. **Fonte:** Jornal Gazeta do Oeste.

A observação em sala de aula apontou que a discussão em torno de assuntos como assassinatos, prisões, alcoolismo e tráfico de drogas está muito presente. “Não podemos fugir desses assuntos, pois essas informações muitas vezes eles trazem da rua em que moram ou, em alguns casos, convivem com elas”, destacou em entrevista a professora Camomila. Aqui, o jornal serve mais do que um livro didático para se fazer um diálogo entre teoria e prática, entre vida cotidiana e ideias e, sobretudo, serve para mostrar que nem sempre a escola está próxima da vida dos alunos. Se bem explorada pela escola essa dimensão, o jornal poderia se tornar, ainda, um meio de estimular o exercício de reflexão crítica do educador e do educando, tendo em vista que ele nos faz questionar as diferenças e distâncias entre a vida que é vivida pelos alunos e as ideias que estão contidas nos livros didáticos, obrigatoriamente usados em sala de aula.

Nesse contexto, é pertinente o questionamento de Freire:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?... Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (1996, p.33-34).

As mazelas sociais também preocupam os estudantes. Todos os que foram entrevistados na pesquisa demonstraram conhecimento sobre a realidade da violência e afirmaram que o jornal contribui para que eles queiram cada vez mais distância de situações que coloquem em risco a vida deles e das famílias. É de certa forma chocante ver uma criança de dez anos falar com naturalidade sobre a morte por tráfico de drogas. Mas é confortante saber que, por meio do jornal impresso, eles passam a criar um senso crítico sobre as condutas que precisam ter enquanto cidadãos e seres humanos integrados. Faz-nos questionar e ponderar sobre as afirmações de que o ser humano é um produto do meio.

O estudante Girassol, 10 anos, foi um dos mais diretos quando falou sobre a realidade mostrada nas páginas dos jornais e as discussões que elas suscitavam. “O jornal mostra algumas coisas que a gente não deve fazer. Se envolver com coisas

erradas como as drogas, por exemplo, não é legal. Eu não quero isso para mim. Eu não quero morrer cedo”, disse de maneira assertiva. Questionado sobre a resposta, Girassol foi taxativo. “Eu já vi menino um pouco mais velho do que eu, que já morreu por causa disso aí. Então, não quero sair nas páginas do jornal por coisas assim”. Nesses casos, as manchetes e informações do jornal impresso não geram identificação sem reflexão, autocrítica, discernimento e projeção de vida.

O alcoolismo também foi citado durante as entrevistas. Segundo as informações dos estudantes, a partir da leitura de uma reportagem sobre o tema, os alunos desenvolveram uma atividade que envolveu toda a classe. “A reportagem no jornal sobre alcoolismo fez a gente preparar um trabalho com a turma toda. Ninguém gosta de ver o pessoal de casa com esse negócio de bebida. Não é legal. Todo mundo da classe participou e mostrou que bebida não é legal”, observou Cravo, 11 anos, que já faz parte de atividades com o jornal há dois anos. Segundo ele, o jornal traz discussões de problemas que estão próximos a eles, mas que acabam fazendo parte da rotina. “O jornal mostra que as coisas que acontecem na nossa rua, no bairro e até na família, acontecem em muitos outros lugares. É importante a gente falar sobre isso e saber que não é legal”.

No percurso da pesquisa, percebi que as atividades com o jornal iam gradativamente dialogando com os pensamentos dos autores que fundamentam as discussões de uma educação humanista, plural, diversa e integrada. As declarações dos estudantes mostram, por exemplo, que, a partir das leituras das reportagens com a temática da violência, eles próprios criaram seus argumentos e tiraram suas conclusões. A estudante Flor de Lótus, 11 anos, analisou a seu modo as notícias publicadas no jornal. “As notícias ruins são de pessoas que não têm coração. Que gostam de fazer o mal, que gostam de roubar, matar. Mas não é só isso, o jornal também tem notícias boas e engraçadas”, ponderou. E é disso que falam os autores com os quais tentamos dialogar. A capacidade de avaliar e chegar a conclusões.

Imagino que alguns autores ou leitores possam dizer que seria muita pretensão a minha, enquanto pesquisador que ainda dá os primeiros passos no campo das Ciências Humanas, atribuir ao jornal a função de estimular ou despertar, como diz Morin, a faculdade mais expandida durante a infância e a adolescência. Não se trata de estabelecer o jornal como um salvador. Uma ideia inovadora e redentora. De maneira alguma. Mas a pesquisa nos aponta uma via para esse caminho. E é importante que seja

possível identificar nos alunos esse despertar por meio da leitura do jornal em sala de aula. Não como “a” saída, mas como “uma” possibilidade.

Krishnamurti (1993) complementa o entendimento de Morin quando afirma que “nunca se deve entregar fórmulas e conclusões. Isso limita a capacidade de criação”. A educação deve se propor a favorecer o exercício da reflexão e da produção do conhecimento. Esse caminho individual e, ao mesmo tempo, compartilhado não é percorrido por imposição, por métodos e por todo o protocolo que ainda predomina nas escolas. “Os valores corretos não se descobrem por influência da sociedade, da autoridade ou da tradição. Só a reflexão individual pode revelá-los” (KRISHNAMURTI, 1993). Penso que o jornal impresso pode ser o meio pelo qual a sociedade e a reflexão individual podem se entrelaçar.

A atividade de leitura do jornal impresso em sala de aula pode levar a essa reflexão justamente porque não traz fórmulas prontas. As discussões surgem a cada dia sobre uma notícia diferente. Segundo Silvia Costa, “o conhecimento teórico é acrescido pela experiência e vivência”. Segundo a autora, “com a utilização do jornal, o foco se desloca do conteúdo abstrato para a realidade palpável, nos seus múltiplos aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais” (1997, p. 16).

As experiências em sala de aula se aliam a este pensamento. Os alunos, de uma maneira particular, apresentaram comportamentos e depoimentos que reforçam a ideia de que a partir da leitura do jornal há mais interesse e participação. O estudante Cravo, 11 anos, fez uma análise da utilização de diferentes leituras em sala. “A leitura do livro é muito importante. Mas o livro é sempre a mesma coisa. Todos os dias a gente abre e já sabe o que tem lá. O jornal cada dia é diferente. É algo novo, atual”, observou. Costa já descrevia esse entendimento bem antes do nascimento de Cravo. De acordo com a autora, “o jornal traz hoje o que os livros didáticos só vão registrar mais tarde” (COSTA, 1997, p.20).

Embora apresente o jornal como uma ferramenta importante, Costa não tira a fundamental utilização dos livros didáticos. Ela estabelece territórios de atuação de cada uma das leituras.

O jornal tem a função de informar, dia após dia. O livro didático tem a função de sistematizar o conhecimento, facilitando a compreensão do aluno sobre conteúdos considerados básicos. Assim, um não exclui o outro, pois cada um tem sua função e sua natureza própria. São complementares (COSTA, 1997, p. 20).

A pequena Flor de Liz, 10 anos, também fez considerações sobre o formato diferente que o jornal imprime em sala. “O jornal é um meio de comunicação muito importante porque ajuda no nosso desenvolvimento intelectual. É muito interessante, o jornal parece que é irmão do estudo”, definiu. Essa compreensão da estudante sugere um amadurecimento intelectual ao passo que ela estabelece uma relação entre o jornal e o estudo. Uma definição simples, mas que carrega consigo uma bagagem repleta de novidades, descobertas, questionamentos e curiosidades geradas pela leitura do jornal impresso na classe.

A pesquisa mostrou que as atividades desenvolvidas com o jornal geram nas crianças um sentimento de maior autoestima. Eles sentem-se parte de um universo que julgavam ser apenas dos adultos. E adultos que não faziam parte de seu ciclo familiar e de amizades. Segundo a professora Silvia Costa, que é pesquisadora da programação neurolinguística, “psicologicamente a criança se sente importante usando um instrumento do mundo adulto” (COSTA, 1997, p. 23).

A compreensão da autora encontra aporte nos depoimentos da professora Amarilis, que foi entrevistada durante a pesquisa. Sobre a percepção do comportamento dos alunos depois da implantação do programa na escola ela respondeu: “acho muito positivo o trabalho com o jornal. A gente vê a mudança neles. Os alunos se acham importantes por estarem acompanhando o dia-a-dia da cidade, as notícias”. As observações mostraram que os estudantes sentem-se mais integrados com os demais colegas e com a sociedade de uma maneira geral.

Durante a campanha eleitoral de 2012, os estudantes viveram um momento inédito para eles dentro da escola. Acompanharam pelos jornais as propostas dos candidatos, desempenho dos prefeítáveis e pretensos vereadores; e todo o universo que envolve uma campanha política. Foi uma experiência que apresentou, segundo a supervisora da escola, professora Violeta, o nível de compreensão e de argumentação dos jovens estudantes. “No período da campanha, foram gerados muitos debates em torno das pesquisas publicadas, propostas e atuação dos candidatos. Foi um momento de divergências, mas que prevaleceu a discussão saudável onde todos respeitaram a preferência do outro. Nesse período houve também uma leitura mais crítica, analítica. Um tipo de exercício que eles não faziam anteriormente”, comparou.

Os jovens estudantes sentiram-se mais parte ainda da vida da cidade em que moram. Passaram a buscar informações sobre os candidatos, procuraram saber sobre o

que cada político já realizou enquanto gestor, quais as propostas para renovar ou conquistar um primeiro mandato. O exercício da cidadania, em seu conceito original, de tudo aquilo que tem a ver com a cidade. Participar, sentir-se participante, sentir-se um jovem cidadão.

Segundo declarações em entrevista, para a professora Violeta,

o jornal possibilita a vivência do momento atual. Estimula a percepção do contexto social. Quando saem notícias da escola, ou do bairro onde moram, eles sentem-se parte da notícia. Como fossem atores daquele processo que está estampado nas páginas do jornal.

A professora acrescenta que quando as notícias têm um caráter negativo, elas sempre levam à reflexão, porque os jovens estudantes são confrontados com a realidade, com valores éticos e morais. “Se alguém fez algo errado e está no jornal por isso, eles passam a avaliar aquelas atitudes e ponderam sobre quão correta ela foi ou não, e como eles agiriam na mesma situação”, observou a professora.

Segundo o aluno Lírio, 11 anos, “o jornal é o meio de comunicação entre nós e a sociedade”. Eles, os estudantes, identificam no veículo impresso uma maneira de fazer parte da vida em sociedade. Isso é motivo de orgulho para os jovens alunos. “Ler jornal é ficar mais inteligente”, concluiu Lírio. A aluna Flor de Lótus, 11 anos, acrescentou com um tom de entusiasmo com a própria conduta: “gosto de ler jornal, sou informada”.

As atividades em sala de aula tiveram reflexo inclusive na rotina da escola. De acordo com o depoimento da vice-diretora Amarilis, algumas crianças mudaram os hábitos nos momentos de intervalo e até na hora do recreio. “Muitos deles, no horário do intervalo e no recreio vêm até a Secretaria da escola e perguntam: tia, o jornal já chegou? Eles querem aproveitar o tempo livre para ler”, revelou.

Alecrim, 11 anos, é um dos alunos que faz a troca da bola no campinho da escola pela leitura do jornal. Ele explica que tem mais oportunidade de jogar bola com os amigos do que de ler o exemplar do dia. “Quando volto para casa, lá na minha rua sempre tem os amigos pra jogar bola. Mas o jornal tem é aqui na escola. Lá em casa já é mais difícil de pegar para ler. Então aproveito”, detalhou.

E não são somente os hábitos dos alunos que mudaram. O dos professores também. Segundo a supervisora Violeta, “o jornal deu mais motivação aos professores. Eles notam que os alunos se envolvem com as atividades e tomam mais gosto pela sala

de aula. Sempre estão encontrando maneiras de contextualizar. Já levaram as turmas para visitar a redação de um jornal impresso e até de uma emissora de TV”, lembrou.

Testemunhando essas mudanças, a direção da Escola Antônio da Graça Machado resolveu apostar ainda mais na utilização do jornal impresso em sala de aula. De acordo com a supervisora, a atividade começou em apenas uma sala, mas em um ano houve uma intensa evolução.

Quando começamos com o jornal era apenas uma sala. Percebemos como foi importante essa atividade para o desempenho de alunos e professores. Hoje, aqui na escola, trabalhamos o jornal em todas as salas. Da educação infantil ao ensino fundamental. São 14 turmas e 350 alunos que lidam com o jornal a partir das imagens, palavras e reportagens.

A experiência no campo de pesquisa testemunhando a evolução, o aumento do número de leitores e a vivência transformadora proposta pelas atividades em sala remeteram-me ao conto *Um general na biblioteca*, de Ítalo Calvino (2001), que aqui pode ser usado como uma metáfora do sujeito que, sem querer, se sente seduzido pela leitura, percebe-se descobrindo o improvável e se apaixona pelo conhecimento.

Assim como o exército de Panduria, nação criada pelo autor, os alunos das escolas que desenvolvem o programa *Ler para saber mais*, são apresentados a um novo mundo a partir da leitura do jornal. As informações, as histórias, os personagens da história do cotidiano real estimulam descobertas particulares. Ajudam nas transformações individuais e coletivas, assim como no conto de Calvino quando ele descreve a rotina dos oficiais e soldados do exército panduriano:

(...) por um lado, iam descobrindo, a cada momento, novas curiosidades para satisfazer, estavam a ganhar um gosto por aquelas leituras e aqueles estudos de que nunca antes teriam suspeitado; por outro, não viam a hora de regressar ao convívio das pessoas, de retomar contacto com a vida que lhes surgia agora muito mais complexa, quase renovada a seus olhos; e por outro lado, ainda, a aproximação do dia em que deviam deixar a biblioteca enchia-os de apreensão, porque era necessário dar conta da sua missão e, com todas as ideias que lhes iam brotando nas cabeças, já não sabiam como sair daquele embaraço (CALVINO, 2001, p.78).

A narrativa de Calvino nos aproxima das vivências promovidas pela leitura. Seja em sala de aula, seja numa biblioteca, num banco de praça ou até mesmo em um quartel. A leitura e o entendimento são transformadores. Muitas vezes nos vemos diante de experiências literárias que nos conduzem por um percurso de transformação, mesmo se todos os nossos preconceitos andem de encontro com o poder modificador das histórias e ameacem nossas convicções.

Assim como aconteceu com o general Fedino, personagem de Calvino, que ingressou na biblioteca com a missão de identificar o que tinham de tão secreto os livros que mudavam a maneira de ser das pessoas, para o Estado-maior da Panduria, era necessária uma missão robusta para detectar que mistério era esse que se escondia por trás das prateleiras de livros. General Fedino comandou a tropa de oficiais e soldados. O general dividiu tarefas e cada oficial comandou um grupo de subalternos na “investigação” sobre cada ramo do saber e determinados séculos da história.

Os militares tomaram posse da biblioteca numa chuvosa manhã de novembro. O general desceu do cavalo, baixo e gorducho, empertigado com a larga espada nunca raspada, o cenho franzido em cima do pincenê; de um automóvel desceram quatro tenentes, uns varapaus, de queixo levantado e pálpebras abaixadas, cada um com sua pasta na mão. Depois chegou um batalhão de soldados que acampou no antigo prédio, com mulas, bolas de feno, barracas, cozinha, rádios de campanha e faixas coloridas de sinalização (CALVINO, 2001, p.74).

É possível uma analogia desse conto com a atividade em sala de aula. Em alguns dias de trabalho, os professores dividem grupos de alunos e cada um deles fica responsável por uma parte do jornal. Os cadernos de *Cotidiano*, *Economia*, *Esportes*, *Cultura* e *Política* são investigados pelos jovens estudantes. E como aconteceu no conto de Calvino, os leitores descobrem novas histórias. Reconhecem ou desconstroem a história. Vivenciam atualidades. É a leitura desbravando caminhos. E os alunos se envolvendo com outros conhecimentos.

Ainda no nosso pensamento metafórico entre o programa *Ler para saber mais* e o conto *Um general na biblioteca*, é pertinente destacar personagens fundamentais no processo de transformação pela leitura na obra de Calvino e nas salas de aulas contemporâneas: senhor Crispino (bibliotecário da Panduria) e os professores.

Embora em espaços diferentes, ambos desempenham a mesma função. Na biblioteca imaginária, senhor Crispino conduzia sutilmente os oficiais e demais

militares ao caminho da descoberta. Ele não adiantava as histórias, nem tampouco explicava do que se tratava. Apenas sugeria, encaminhava e o aprendiz vinha bater à porta de cada leitor.

Se pararmos para imaginar a descrição do senhor Crispino facilmente poderíamos encontrar o estereótipo de um professor: “era um sujeito baixotinho, com a cabeça careca parecendo um ovo, e olhos como cabeças de alfinete atrás de óculos de hastes” (CALVINO, 2001). Talvez no conto ele não tivesse essa função definida, mas certamente foi o responsável por muitos ensinamentos ao exército de Panduria.

Trazendo o raciocínio para a sala de aula das escolas mossoroenses que trabalham a leitura do jornal impresso em sala de aula, temos dezenas de “Crispinos” espalhados nas escolas. Não falo aqui do bibliotecário, mas dos professores que deveriam conduzir os alunos pelos caminhos da reflexão, da autocrítica, da descoberta, do interesse e da produção do conhecimento.

Mas fatos de alcance bem maior iam amadurecendo, dos quais o rádio de campanha não transmitia notícias. A floresta dos livros, em vez de ser desbastada, parecia ficar cada vez mais emaranhada e insidiosa. Os oficiais teriam se perdido se não fosse a ajuda do senhor Crispino. (CALVINO, 2001, p.76).

Assim como o senhor Crispino na biblioteca, os professores na sala de aula têm a missão de semear o conhecimento. Direcionar os alunos. Sugerir por onde seguir. A escolha é deles, mas os professores podem ajudar. E assim acontece com o *Ler para saber mais*. Os professores indicam os cadernos, os temas, as fotos a serem observadas em sala de aula durante as atividades, mesmo que, sozinhos, os alunos descubram outros atrativos no jornal. A partir daí, com alguma dose de orientação, os estudantes iniciam a jornada em busca do novo, ou simplesmente do reencontro consigo ou com valores importantes na formação moral e intelectual.

O papel do professor é orientar, é apresentar essa nova possibilidade a partir da leitura. O caminho de cada um será feito de maneira personalizada. Não há uma fórmula a ser oferecida pelos professores. Assim como senhor Crispino não entregou receitas prontas. Cada integrante do exército de Panduria traçou seu percurso de descobertas. Cada aluno integrante do programa *Ler para saber mais* navegou no próprio oceano. Como afirmou o poeta espanhol Antonio Machado, “o caminho se faz ao caminhar”. E

assim aconteceu nas salas de aula da Escola Municipal Antonio da Graça Machado, cada um se comportou como “o caminhante” do poeta.

Para não esquecer o conto de Calvino, a tropa do general Fedina rendeu-se às descobertas da leitura. O oficial foi capaz de redescobrir a história e dar novos significados a tantos fatos tidos como irretocáveis. O encontro, ou reencontro, consigo pode custar caro. No caso de Fedina, seu relatório da biblioteca de Panduria custou-lhe a patente.

Finalmente, numa bela manhã a comissão saiu da biblioteca e foi entregar o relatório ao comando supremo; e, diante do Estado-maior reunido, Fedina expôs os resultados da investigação. Seu discurso era uma espécie de compêndio da história da humanidade, das origens aos nossos dias, no qual todas as idéias mais indiscutíveis para os bem-pensantes da Panduria eram criticadas, as classes dirigentes denunciadas como responsáveis pelas desventuras da pátria, o povo exaltado como vítima heróica de guerras e políticas equivocadas (CALVINO, 2001, p.79).

Como Fedina, que trocou a farda de militar e as estrelas de general por trajes simples e pelo prazer de ler, os alunos que são tocados pela leitura também fazem suas permutas. Como vimos nos relatos dos nossos entrevistados, os pequenos estudantes trocaram o recreio pela viagem nas páginas do jornal, trocaram a bola no campo de areia pelo exercício da aprendizagem cognitiva.

4.1 A formação de leitores críticos

Nas observações em sala de aula, nas conversas com os alunos e professores integrantes do *Ler para saber mais*, identificamos que a construção de conhecimento e a formação de valores a partir da leitura do jornal impresso também possibilitaram outros avanços além dos que já são propostas do programa (formação de novos leitores de jornal, melhoria do vocabulário e escrita).

As discussões fomentadas em cima dos temas explorados pelos jornais também foram catalisadoras de uma visão analítica mais aprofundada sobre o que é produzido pelo jornal e por outros meios de comunicação de massa, como a televisão e a internet, por exemplo. Essa compreensão se apresentou de maneira muito natural. Embora não

fosse esse o foco principal em sala de aula, os professores e os alunos tornaram-se pessoas mais conscientes sobre como funciona e quais os objetivos dos meios de comunicação.

Como já vimos anteriormente, professores e estudantes passaram por momentos de aprendizagem acerca do funcionamento da estrutura de jornais, revistas e programas noticiosos de televisão. Dentro desse percurso, cada um, a seu tempo, desenvolveu uma visão mais ampla sobre como é produzido e qual o tratamento que é dado às notícias. Já colocamos isso, mas é importante ratificar que os jornais e os demais meios de comunicação não são detentores ilibados da verdade. Há o interesse particular ou institucional por trás de algumas notícias. E essa percepção ainda é para poucos.

No entanto, os alunos e professores que fazem parte do Programa *Jornal e Educação* em todo o Brasil, e os que integram o programa em Mossoró, já começaram a caminhada para uma leitura mais crítica e analítica.

Isso acontece de maneira espontânea no desenvolver das atividades relacionadas ao programa em sala de aula. Segundo Costa:

Críticos das áreas de jornalismo e educação mobilizam-se em trabalho de esclarecimento para alertar as pessoas sobre a necessidade de formação de uma consciência crítica e torná-las aptas a ‘não engolir sem mastigar’ os produtos da comunicação de massa (COSTA, 1997, p. 31).

Essa discussão acaba permeando os trabalhos em sala de aula. Não porque seja este o foco principal, mas, assim como a produção do conhecimento, a percepção do outro e a visão humanística da educação, a análise crítica acontece. O leitor crítico situa-se melhor ao receber uma notícia que vem da televisão ou das emissoras de rádio. “Eles não se conformam apenas em receber a informação. Quando ouvem no rádio querem logo saber como aquele fato foi contado no jornal”, destacou a professora Amarilis.

Quando o fato narrado pelos jornais acontece na comunidade em que a escola está situada a análise é ainda mais detalhada e precisa. “Quando acontece uma morte aqui no nosso bairro vem jornalista de jornal, de rádio e televisão. Eles contam no jornal a história como se as Barrocas (bairro onde a escola está instalada) fosse um lugar onde só tem crime e drogas. Mas não, aqui também tem muita coisa boa”, ponderou a estudante Flor de Lótus, 11 anos.

É importante destacar que as empresas de comunicação conhecem esse “risco” e sabem que precisam estar ainda mais vigilantes para não oferecer uma informação viciada.

Os jornais, ao criarem seus programas educativos, estão cientes de que seus leitores se tornarão mais exigentes e participativos. E terão de se esforçar para fazer frente às críticas e expectativas dos novos leitores treinados para ‘não engolir gato por lebre’ e nem se contentar com ‘meias-verdades’ (COSTA, 1997, p. 31).

Essa compreensão da autora é pertinente principalmente nos dias de hoje, em que os meios de comunicação estão cada vez mais próximos dos receptores. Refiro-me aqui à interatividade presente em todas as mídias. Cartas, mensagens por email, vídeos, redes sociais. Os veículos (e o jornal está nesse meio) mudaram a postura antes fechada e monocrática no que se refere à apuração e ao tratamento da notícia.

Há quinze anos, os meios de comunicação não tinham uma política de participação do receptor. Hoje, jornais, portais, rádios e canais de televisão mantêm espaços exclusivos para que os leitores, ouvintes e telespectadores participem sugerindo pautas, fazendo críticas e enviando fotos e vídeos.

Essa nova conduta possibilitou mudanças importantes no cenário da educação. No tocante ao nosso universo de pesquisa percebemos uma presença cada vez maior do jornal na educação e da educação no jornal. Sobre isso, Costa afirma:

Os jornais abrem espaço para o intercâmbio com a Educação. Educadores passam a integrar a equipe profissional das empresas jornalísticas atuando como coordenadores de projetos de J.E. Jornalistas e editores se tornam cada vez mais próximos dos estudantes e professores de todos os níveis, debatendo e ouvindo questionamentos, desfigurando cada vez mais o processo de verticalização da informação (COSTA, 1997, p. 32).

É relevante frisar que os jornais modificam condutas e os professores modificam a forma de ver e trabalhar o jornal em sala de aula, sendo mais partícipes no contexto comunicação/educação. A pesquisadora Elaine Cristina Anhussi estudou o uso do jornal em sala de aula e afirmou em sua dissertação de mestrado:

Os educadores não podem simplesmente reproduzir ou aceitar o que é divulgado pela mídia. É indispensável questionar, debater e incentivar a criticidade dos alunos em relação aos apelos de consumo de produtos, reproduções de comportamentos e padrões de beleza ditados pelas mídias. Essa criticidade do professor pode possibilitar a escolha daquilo que realmente é relevante para o desenvolvimento dos alunos como leitores-cidadãos, conscientes de que fazem parte de uma sociedade que é influenciada por esses meios (ANHUSSI, 2009, p. 19).

Embora a pesquisa de Anhussi (2009) tenha uma abordagem mais técnica, a autora caminha rumo ao conhecimento pertinente e sugere que essa mudança só será possível quando a Educação deixar de ser conservadora em suas práticas e se voltar para a contemporaneidade, o que exige, cada vez mais, leitores dos meios de comunicação mais críticos e participativos, que saibam discernir a grande quantidade de informação e, assim, criar condições de construir um conhecimento significativo.

É conveniente pontuar a participação dos professores nesse processo. O exercício da leitura analítica, do debate, da crítica, da divergência de ideias. Os professores fazem parte de maneira determinante do percurso da construção do conhecimento a partir da utilização do jornal impresso em sala de aula.

CAPÍTULO 5

*“Tudo quanto a ciência descobre,
a natureza já ensinou há muito tempo”.*

Chico Lucas

*“Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.
Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo:
"Coitado, até essa hora no serviço pesado".
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor. Essa palavra de luxo”.*
Adélia Prado

5. CONSIDERAÇÕES E PROPOSIÇÕES

“Saber é uma experiência de vida. Sabedoria não exige titulação”. Ouvi essa frase e rapidamente rabisquei no meu bloco de anotações. Ela permaneceu lá por alguns meses e sempre que eu me via diante do computador para tentar escrever fitava os olhos por ela nas páginas cheias de outras anotações. Mas ela sempre fazia questão de dizer que estava lá me inquietando as ideias. Durante todo o percurso desta pesquisa, com minha organização desalinhada anotei centenas de frases. Umas no caderno, outras em bloquinhos, algumas em folhas soltas. Sempre que conseguia registrava junto o autor da frase e o livro em questão para que eu fosse buscar a leitura no intuito de abastecer-me de fundamentação teórica – termo que ouvi muito nesses dois últimos anos.

Quando não encontrava o autor, aguardava os encontros com meu orientador para questionar-lhe sobre a nova frase, ou sobre um autor desconhecido para mim. Lá no escritório dele, rodeado de livros por todos os lados, eu sempre sabia que ia encontrar a resposta, quando não uma nova pergunta. O importante é que eu sempre encontrava alguma coisa. Na pior das hipóteses saía de lá com uma advertência pela minha maneira particular de organizar minhas ideias em folhas desconexas.

Era o final de tarde de um domingo. Diante da minha insistência por alguns minutos de conversa (que sempre me renderam boas linhas de escrita), ele concordou em me receber. Cheguei poucos minutos antes do combinado. O professor Ailton conversava com um casal de amigos e educadamente encerrou o papo para destilar um pouco de ‘sabedoria’ para o incauto discípulo.

Tirei o bloquinho do bolso e antes mesmo de sentar-me diante da escrivaninha disse que tinha uma frase muito boa que talvez servisse para minha dissertação. “Ailton, anotei essa frase em algum momento da minha recente trajetória: saber é uma experiência de vida. Sabedoria não exige titulação”, disse-lhe. Como não sabia o autor perguntei: de quem é essa frase? Muito boa para o meu trabalho!

Ele sorriu descansando sobre a confortável cadeira presidente e tomou um gole de uma edição especial da cerveja Baden – Red Alen, produzida em Campos do Jordão. Sorriu de novo e disse em tom de gozação: “não sei onde fui arranjar esses meus orientandos. Ora, Moisés Albuquerque, essa frase é minha. Disse isso numa aula de Educação e Literatura”. Imediatamente, voltei no tempo imaginário e me transporte para aquela aula na Faculdade de Educação da UERN.

Transitávamos sobre as experiências de Chico Lucas, personagem da vida real, nascido na Lagoa do Piató, município de Assú, Rio Grande do Norte. Homem do campo, sem qualquer titulação, mas inundado pelo saber da natureza. Um intelectual do sertão, um pescador dos caminhos de terra, um mestre com a liberdade das águas que correm entre as pedras, como diz Manoel de Barros. Este personagem foi inspiração para a obra *A natureza me disse* organizada pela professora Maria da Conceição de Almeida (2007). A frase – que questionei ao meu orientador – representa bem a compreensão que passei a buscar sobre a sabedoria e o conhecimento na visão simples, porém profunda, de Chico Lucas.

Saí daquela tarde de conversas para minha orientação com a clara noção do que eu buscava compreender sobre um conhecimento transdisciplinar. Pensei alto enquanto dirigia o carro de volta para casa: “se existe uma tradução em pessoa para os conceitos da transdisciplinaridade, esse alguém é o Chico Lucas”. Aquilo não saiu da minha cabeça.

Na segunda-feira, retomei as leituras do livro *Educação e transdisciplinaridade II* (2002), que reúne artigos produzidos durante o “Encontro Catalisador do Projeto a Evolução Transdisciplinar na Educação”, realizado no ano 2000, em Guarujá, São Paulo. A obra, organizada pelo Centro de Educação Transdisciplinar da Escola do Futuro da USP (CETRANS), apresenta uma compreensão aprofundada sobre a transdisciplinaridade e traz como um dos pilares de sustentação da teoria transdisciplinar a complexidade, pano de fundo desta dissertação.

Questionei-me durante muitas semanas se poderia ou conseguiria estabelecer uma relação entre Chico Lucas e a transdisciplinaridade. Mas entendi que sim. O saber não está concentrado nas bibliotecas, nem está registrado apenas nos diplomas e graus obtidos. Como pensa Martínez, nossos estudos e certificações não nos têm oferecido um conhecimento sobre nós mesmos e sobre nossa vinculação e conexão com a sociedade, com a natureza e com o outro (2012, p. 150). Em *Retrato do artista quando coisa*, Barros (1998), já perto de encerrar o último capítulo, diz: “sabedoria pode ser que seja mais estudado em gente do que em livros”. Barros faz isso. Chico Lucas faz isso. E por que não dizer que o jornal impresso poderia ser um meio de se estimular a transdisciplinaridade? Por que não defender os saberes de vida dos alunos como algo fundamental para a educação que investe em algo que vá além da informação, da formatação, das disciplinas e dos currículos? Por que não pensar que o jornal pode ser

um meio complementar aos livros no papel de juntar vida e teoria na construção de saberes, um meio de inserir as ideias na vida e a vida nas ideias?

5.1 Um breve relato sobre a transdisciplinaridade

Antes de tecer considerações sobre isso, é conveniente apresentar as conceituações do Centro de Educação Transdisciplinar da Escola do Futuro da USP acerca desse modelo educacional tão inovador e visionário.

A transdisciplinaridade é uma teoria do conhecimento, é uma compreensão de processos, é um diálogo entre as diferentes áreas do saber e uma aventura do espírito. A transdisciplinaridade é uma nova atitude, é a assimilação de uma cultura, é uma arte, no sentido da capacidade de articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo (CETRANS, 2002, p. 9-10).

É arriscado apresentar definições sobre esta teoria nova e até marginal no campo da Educação. Mas se apresenta como possível, ao menos para mim, perceber essa proposta como algo que pode – em longo prazo, é verdade – apresentar novos horizontes para a formação humana. Isso se os educadores, gestores e a própria sociedade perceber essa alternativa. Hoje, a transdisciplinaridade é uma teoria que ainda “voa fora da asa”. A expressão do poeta Manoel de Barros representa tudo aquilo que foge aos padrões. Remete às coisas que nasceram em movimentos marginais e longe do epicentro da academia.

Numa avaliação cronológica, as discussões acerca da transdisciplinaridade são recentes. De acordo com a publicação dos pesquisadores do CETRANS, o primeiro congresso internacional da transdisciplinaridade aconteceu há quase de vinte anos, mais precisamente em 1994, organizado pela UNESCO, em Arrábida - Portugal. Em se tratando de ciência, vinte anos não representam muito tempo. No entanto, o novo século trouxe mais pesquisadores para esta corrente.

Os escritos e citações desse conceito surgiram um pouco antes, em 1986. Nesse ano “foi elaborado o primeiro documento internacional que faz referências explícitas à

transdisciplinaridade: A Declaração de Veneza, comunicado final do Colóquio ‘A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento’, organizado pela UNESCO” (2002).

O relato dos autores de *Educação e transdisciplinaridade II* (2002) detalha o caminho percorrido pelos pesquisadores que identificaram nessa teoria um passo importante para uma educação mais integrada, humanista e que desde a década de 1990 já pensava na educação do século 21. A Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO⁸) criou uma comissão para discutir as perspectivas e compreensões da Educação para o novo século que se aproximava.

Jacques Delors, um socialista francês, que estudou economia na universidade de *Sorbone* e foi presidente da Comissão Europeia entre 1985 e 1986, foi o responsável pela elaboração do relatório com os quatro pilares da educação que em sua essência traziam e apresentavam compreensões próximas à teoria da transdisciplinaridade. O relatório tinha como discussão central a democratização do acesso ao conhecimento e serviu como fundamentação para políticas educacionais de dezenas de nações.

Em 1996 foi publicado o Relatório⁹ para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, elaborado por Jacques Delors, com a definição dos 4 pilares para a educação do século XXI (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser) que, acrescidos dos dois pilares complementares (aprender a participar e aprender a antecipar) formulados em documento elaborado por um grupo de participantes da conferência internacional de transdisciplinaridade: Joint Problem Solving among Science, Technology and Society, Zurique – 2000 (anexo 4), também se constituem em elementos norteadores para o exercício efetivo da Transdisciplinaridade (CETRANS, 2002, p.11).

Em 1996, a UNESCO e algumas dezenas de pesquisadores já manifestavam uma preocupação com os rumos que a educação parecia tomar. Passadas quase duas décadas, os questionamentos permanecem e muitas vezes parecemos estar trilhando um caminho onde os pilares para a educação do século 21 estão cada vez mais esquecidos.

⁸ A Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO) foi criada na primeira sessão das Organizações das Nações Unidas (ONU), em 4 de novembro de 1946, em Paris-França.

⁹ A íntegra do relatório para o século 21 encontra-se no livro “Educação: um tesouro a descobrir” (1998), de autoria de Jacques Delors.

5.2 Possibilidades para o novo milênio

Como vimos, no percurso que apresentamos nesta pesquisa, as contestações aos modelos contemporâneos partem de diferentes pensadores. É importante provocar reflexões sobre os modelos que se encontram em difusão na nossa sociedade que se distanciam cada vez mais da condição humana.

No livro *A condição humana*, Adauto Novaes (2008) traz considerações relevantes e sugere críticas convincentes acerca dos processos formadores da atualidade no questionamento que lança: “A pergunta do nosso tempo é: o que é feito da condição humana em um mundo que dedica uma reverência religiosa à mercadoria, como se ela exercesse uma potência sobrenatural sobre o homem?” (2008, p. 15 e 16).

Mais à frente ele cita o escritor alemão Heiner Muller e afirma:

O verdadeiro problema deste século da tecnologia é a desrealização da realidade. A fuga da realidade na imaginação. As coisas não são como estão. Tudo é cada vez mais em sentido figurado (NOVAES, 2008, p. 32).

Ao considerar o contexto dessa realidade (tecnicista, mercadológica, competitiva e tecnológica) que já se apresentava no século passado, o pensador cubano com raízes italianas Ítalo Calvino se propôs a refletir sobre propostas a serem pensadas e vividas nesse milênio. Leveza, beleza, rapidez, exatidão, multiplicidade compõem sua *Seis propostas para o próximo milênio*¹⁰, mesmo que a última ele não tenha conseguido escrever.

Nessa obra, ele nos apresenta a *rapidez* como uma das marcas e propostas para esse milênio. A rapidez enquanto estratégia do escritor para, por meio da escrita, alcançar e seduzir o leitor. No mundo da leitura, atração e sedução devem acontecer de forma rápida, para não deixar o leitor se desconcentrar ou se afastar do texto. Mas, para isso, Calvino destaca que o êxito do escritor está na felicidade da expressão verbal que,

¹⁰ Com o intuito de contribuir com o debate sobre a Educação nacional, principalmente após a divulgação, pelo MEC/SEF, dos PCNs, o Ministério da Educação e do Desporto, em 1998, usou como referência as propostas desse livro (Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade, Multiplicidade), para tentar fomentar no professor uma postura perspicaz, investigadora e criativa diante de seus alunos, dos colegas e diante do próprio conhecimento e das práticas pedagógicas com as quais trabalha (SALTO PARA O FUTURO, 1998, p. 9). Essas propostas são vistas, na verdade, como valores norteadores fundamentais para a educação desse novo milênio.

em alguns casos, pode realizar-se por meio de um clarão repentino que implica na paciente procura da frase em que todos os elementos são insubstituíveis, do encontro de sons e conceitos que sejam os mais eficazes e mais densos de significados (CALVINO, 1990, p. 61).

As frases, mesmo curtas, podem vir carregadas de histórias, de memórias que, por sua vez, podem dialogar com as histórias e memórias dos leitores. É nesse momento que a reflexão e a auto-reflexão podem acontecer e uma nova aprendizagem surgir. A leitura do jornal, quando estimulada e trabalhada em sala de aula, pode nos fornecer essa alternativa. Um diálogo transdisciplinar que acontece dentro dos próprios sujeitos. As memórias dialogam com as vivências atuais, que dialogam com as histórias e memórias de outros sujeitos.

Para Calvino, os livros e a literatura têm um papel fundamental no limiar desse novo milênio:

O valor que hoje quero recomendar é precisamente este: numa época em que outros *media* triunfam, dotados de uma velocidade espantosa e de um raio de ação extremamente extenso, arriscando reduzir toda comunicação a uma crosta uniforme e homogênea, a função da literatura é a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando, mas antes exaltando a diferença, segundo a vocação da própria linguagem (CALVINO, 1990, p. 58).

O que Calvino percebe de positivo na leitura dos livros e na literatura não está distante daquilo que, positivamente, o programa *Ler para saber mais* vem desenvolvendo ao longo de sua existência nas escolas de Mossoró, Rio Grande do Norte. É por meio dos livros, da literatura e também da leitura do jornal impresso em sala de aula que os alunos podem ficar em sintonia com seu mundo circundante e redescobrir o outro por meio da experiência de compartilhar informações, dialogar coletivamente sobre as descobertas feitas, perceber a realidade do outro e a sua própria realidade com outro olhar.

Destacamos nesse percurso a ‘rapidez’ enquanto proposta porque de maneira mais recorrente ela está nas páginas dos impressos. Como afirma Calvino (1990), “a principal característica do conto popular é a economia de expressão: as peripécias mais extraordinárias são relatadas levando em conta apenas o essencial” p. 50.

Assim como na afirmação do autor, compreendo que a capa de um jornal impresso reúne as principais notícias do dia detalhadas em frases curtas e rápidas (as

manchetes). O jornal se propõe a prender o leitor a partir das experiências contidas no interior do calhamaço de folhas de papel. E como sugere Calvino, levando em conta apenas o essencial. Identificamos nas manchetes e chamadas do jornal a ‘rapidez’ enquanto estratégia para capturar o leitor.

Penso que podemos aproximar ainda mais o jornal das compreensões de Calvino. Quando ele fala em conto popular, trago o jornal para esse conceito. Um produto que é feito para as massas. Uma escrita que foge à linguagem formal e protocolar. Traz linhas com notícias plurais e que podem ser alcançadas pelos pequenos e grandes leitores.

5.3 Diálogo entre os saberes: jornal impresso e a transdisciplinaridade

Como vimos no caminhar dessa dissertação, há alternativas para o modelo tecnicista, profissionalizante e competitivo predominante na educação contemporânea. A leitura do jornal em sala de aula com foco na produção do conhecimento pertinente (como apresentamos nos capítulos anteriores) é uma delas.

Mas a proposição que apresentamos é a interface jornal impresso/transdisciplinaridade como mais um caminho para consolidação e fomento dos pilares da educação propostos por Delors, principalmente “aprender a conhecer”, “aprender a viver juntos” e “aprender a ser”. A partir da pesquisa realizada para esta dissertação, percebi que o “aprender a fazer” está sufocando pilares fundamentais para a construção de humanos educados para a vida e não apenas para o mercado.

A utilização do jornal impresso em sala de aula pode ser um facilitador, um meio estratégico de desenvolver uma leitura transdisciplinar na educação. Tivemos uma experiência em sala de aula que nos mostra um pequeno feixe de luz nesse sentido. A narração a seguir ocorreu na Escola Municipal Paulo Cavalcanti, em Mossoró. A professora utilizava o jornal em sala de aula numa atividade com os alunos do 5º ano.

Naquele dia (uma quarta-feira à tarde, 4 de julho de 2012), a professora Dália iniciou a atividade do dia com o jornal impresso. A edição da Gazeta do Oeste que estava sendo estudada em sala de aula trazia a seguinte manchete: CÂMARA HOMENAGEIA O REI DO BAIÃO. A partir dessa frase, a turma fez um passeio por diferentes disciplinas e compartilhou experiências pessoais.

A professora iniciou uma série de perguntas que tinham como finalidade perceber a intimidade dos alunos com a capa do jornal. Data, número de páginas da edição e a chamada principal. Dália perguntou aos estudantes, que em grupos manuseavam os exemplares do jornal, qual era a manchete do dia. Eles prontamente responderam: Câmara homenageia o ‘Rei do Baião’. Eu, enquanto observador, iniciei junto com eles um passeio que se poderia chamar transdisciplinar.

“Quem é o Rei do Baião?”, questionou a professora. Um aluno respondeu: Luiz Gonzaga. “O que é baião?”, indagou ela. Dois deles disseram: “é uma música tipo um forró, professora”. E as perguntas continuaram. “Alguém sabe onde nasceu o Rei do Baião?”. Depois de alguns segundos de busca nas páginas do jornal, eles acertaram a resposta. “Em Pernambuco, professora!”. Exclamou um dos estudantes.

“Pernambuco fica em qual região do Brasil? Região Nordeste!” Responderam quase em coro. “Qual a característica do Nordeste, pessoal?” Os pequenos aos poucos foram enumerando particularidades da nossa região. “É quente; tem praia; tem sertão, o gado tem vezes que morre de sede; tem forró”. Essas foram algumas das respostas.

Em seguida, a professora perguntou se alguém sabia dizer o que era “Câmara”, nome que aparecia abrindo a manchete do jornal. Alguns segundos de silêncio. Depois de uma leitura um pouco mais detalhada, as respostas surgiram. “Câmara é onde trabalha o vereador”, respondeu um dos alunos. Logo cada um falou que conhecia um vereador, que a mãe ou o pai iria votar em vereador A ou B.

As perguntas não cessaram. A professora Dália perguntou se alguém saberia dizer o que faz um vereador. As respostas foram curiosas e divertidas. “Anda na rua pedindo voto”. “Fica lá no escritório dele e tem vez que arruma emprego para o povo”. A professora concordou que os vereadores fazem isso, mas explicou que uma das principais funções do vereador é criar leis para organizar a cidade e fiscalizar a atuação do prefeito e sua equipe administrativa.

Em pouco tempo, a turma já havia feito um percurso histórico, musical, geográfico, cultural, social e político pelo Nordeste brasileiro e na cidade de Mossoró. Naturalmente, nenhuma dessas questões foram aprofundadas naquele instante, mas ali tínhamos muito claro um exemplo da teoria transdisciplinar, como descrevemos mais acima. “Um diálogo entre as diferentes áreas do saber. Uma aventura do espírito” (CETRANS, 2002).

É dessa aventura que falo ao propor uma aproximação entre o jornal e a transdisciplinaridade. É desse diálogo que nasce sem uma formatação protocolar e que oferece diferentes possibilidades de vivências.

Na Transdisciplinaridade não existe um piloto automático, pois não há algoritmos, modelos prontos, nem um conhecimento dogmático. Os modelos estão numa remodelação permanente diante de cada campo de reflexão e de cada campo de aplicação (CETRANS, 2002, p. 13).

Compreendo que essa discussão pode produzir novas reflexões e retomar outras tantas já apresentadas como alternativas para uma educação onde o aprender a viver junto e o aprender a conhecer, sejam mais ensinados do que o aprender a fazer. É disso que fala a obra *Educação e transdisciplinaridade II* quando cita o relatório de Delors:

Se os líderes e os educadores das últimas gerações tivessem se norteado por parâmetros semelhantes aos expressos nesses documentos, o cenário presente do mundo provavelmente não seria tão ameaçador. A transdisciplinaridade será uma expressão robusta e consistente na medida em que desenvolva continuamente a reflexão teórica, crie pontes entre a teoria e a prática, implemente-as nos mais diversos campos e as avalie, pois só assim poderá corrigir continuamente sua direção e seus parâmetros, enriquecendo-se e encurtando os caminhos para a resolução de problemas que digam respeito à sustentabilidade da sociedade e do ser humano (CETRANS, 2002, p. 12).

A educação não é a salvação do mundo. Os professores não são os salvadores. O jornal não é o caminho. A comunicação não é a saída. Enquanto nossa compreensão for particularizada, não teremos chances de imaginar mudanças reais na formação humana. Não quero deixar aqui proposições ou sugerir um discurso político de demagogo de mudanças. A mudança está em nós. Está no todo e está nas partes. A mudança está em cada educador – professor ou não – que perceber o que não está nos manuais. Em cada um que ler por trás das linhas impressas. Está na subjetividade das emoções e na realidade das ações.

REFERÊNCIAS

- ANHUSSI, Elaine Cristina. **O uso do jornal em sala de aula:** sua importância e concepções de professores. Presidente Prudente: UNESP, 2009.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Coord.). **Autores-cidadãos:** a sala de aula na perspectiva multirreferencial. São Carlos: EdUFSCar; São Bernardo: EdUMESP, 2000.
- BARROS, Manoel. **Retrato do artista quando coisa.** Rio de Janeiro, Record, 1998.
- _____. **O livro das ignorâncias.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- BATOLLOSO, Juan Miguel. Educação e condição humana. In: ALMEIDA, Maria da Conceição (org.). **Sete Saberes necessários à educação do presente:** por uma educação transformadora. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012, p. 149-184.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2002.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio:** lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Palomar.** Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 7-11.
- _____. Um general na biblioteca. In: CALVINO, Ítalo. **Um general na biblioteca.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 74-79.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** Tradução de Carlos Felipe Moisés. 28 ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.
- COSTA, Silvia. **Jornal na Educação:** considerações pedagógicas e operacionais. Santos: S.C.P., 1997.

DINIZ, J. Péricles. **O jornal na sala de aula**. Revista da Faeeba, Salvador, v.13. n 21, p. 129-141, jan/jul, 2004.

DOMINGUES, Ivan (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos Metodológicos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DRAVET, Florence. Acolher o desconhecido. In: CASTRO, Gustavo de (Org.). **Sob o céu da cultura**. Brasília: Casa das Musas, 2004.

DELORME, Maria Inês de Carvalho. Leveza: tudo que é sólido desmancha no ar. In: SALTO PARA O FUTURO: reflexões sobre a educação no próximo milênio. Secretaria de Educação à Distância: Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1999, p. 41-47.

IVAS, Cida; FELDMAN, Márcia. **Visibilidade: chove na fantasia**. In: _____, p. 23-32.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

FETH, Mônica. **O catador de pensamentos**. Tradução: Dieter Heidemann. São Paulo: Brinque-Book, 1996.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. O lado sensível da concretude do mundo. In: ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de; KNOBB, Margarida; ALMEIDA, Angela Maria de (Orgs.). **Polifônicas ideias: por uma ciência aberta**. Rio Grande do Sul: Sulinas, 2003.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa; ENÉAS, Luzia Ferreira Pereira. Por um reencantamento da educação. In: ANDRADE, Francisco Ari de; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Orgs.). **Formação de professores e pesquisas em educação: teorias, metodologias, práticas e experiências docentes**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores – Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

JOYCE, William; OLDENBURG, Brandon. **Os fantásticos livros voadores do senhor Morris Lessmore**. Produção de Brandon Oldenburg, direção de William Joyce. Shreveport / L.A., Moonbot Studios (2011). DVD, 15 min, color.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A educação e o significado da vida**. Tradução de Hugo Veloso. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MACHADO, Antonio. **Provérbios e cantares**. Tradução: Ronald Polito. Belo Horizonte: Plaquete, 2009.

MC LUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução Décio Pignatari. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sergio Alcides: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

MARTÍNEZ Tomás Eloy. Jornalismo e narração: diálogos para o século XXI. In: CASTRO, Gustavo de; DRAVAET, Florence (Org.). **Sob o céu da cultura**. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004, p.223-235.

MORIN, Edgar. **Sociologia: a sociologia do microsocial ao macroplanetário**. Portugal: Publicações Europa América, 1984.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). **Para navegar no século XXI**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucs, 2003, p. 13 a 36.

_____. **A cabeça bem-feita**. Repensar a forma: reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2006.

_____. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Tradução Juremir Machado da Silva. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **Meu Caminho**. Tradução Edgard Assis de Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2010.

_____. **Amor, poesia, sabedoria.** Tradução Edgard Assis de Carvalho. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária:** o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

NOVAES, Adauto (org). **A condição humana:** as aventuras do homem em tempos de mutações. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

PRADO, Adélia. **O poder humanizador da poesia:** depoimento. [2008]. Belo Horizonte: *Projeto Sempre um Papo*. Entrevista concedida a Afonso Borges.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros; CÂMARA NETO, Isnasrd de Albuquerque. **A evolução do conceito de cidadania.** Revista Ciências Humanas – UNITAU, v. 07, n. 2, p. 17-23, São Paulo, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SALTO PARA O FUTURO. **Reflexões sobre a educação no próximo milênio.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação.** São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. A caminho do método. In: GALEANO, Alex; CASTRO, Gustavo de; COSTA, Josimey (Orgs.). **Complexidade à flor da pele:** ensaios sobre a ciência, cultura e comunicação. São Paulo: Cortez, 2003.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES
1 – Nome completo e idade
2 – Formação acadêmica
3 – Quanto tempo atua como docente?
4 – Lê jornais com que frequência?
5 – Utiliza o jornal impresso em sala de aula?
6 – Caso afirmativo, de que maneira? / Caso negativo, por qual razão não utiliza?
7 – Qual sua opinião sobre a utilização de jornais em sala de aula?
8 – Identifica no jornal um instrumento de auxílio pedagógico?
9 – Acredita que o jornal pode ser um instrumento de transformação de valores?
10 – Em qual disciplina você entende que o jornal impresso pode ser trabalhado?
11 – É capaz de citar algum exemplo de trabalho exitoso com o jornal em sala de aula?
12 – Na escola em que leciona, a leitura em sala de aula é trabalhada há quanto tempo?
13 – A partir de que idade você acha que as crianças estão preparadas para compreender as notícias de jornais?
14 – Escola em que trabalha como docente?